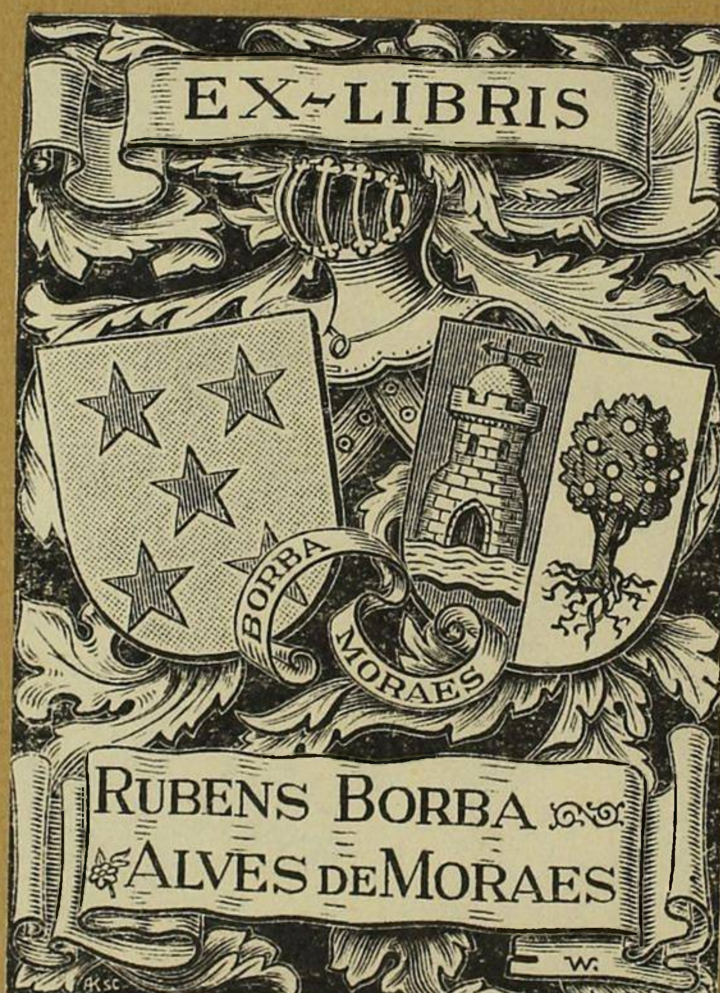

EX-LIBRIS
BORBA
MORAES
RUBENS BORBA
ALVES DE MORAES

DR. CASTRO LOPES

MUSA LATINA

AMARYLLIDOS DIRÇÆI

ALIQUOT SELECTA LYRICA

In Latinum Sermonem Translata

EDITIO SEGUNDA

MDCCLXXXVII

MUSA LATINA

Dr. CASTRO LOPES

MUSA LATINA

AMARYLLIDOS DIRCÆI

ALIQUOT SELECTA LYRICA

IN LATINUM SERMONEM TRANSLATA

EDITIO SECUNDA

CORRECTISSIMA, AUCTA, MENDISQUE PURGATISSIMA,
NOTIS OPPORTUNE ADHIBITIS.

.... minuantur atræ
Carmine curæ.
Horat. L. IV. Od. XI.

POTAMOPOLI
EXCUDERUNT G. LEUZINGERIUS & FILII TYPOGRAPHI.

MDCCCLXXXVII.

Dr. CASTRO LOPES

MUSA LATINA

ALGUMAS LYRAS ESCOLHIDAS DE

MARILIA DE DIRCÊO

TRADUZIDAS PARA VERSO LATINO

SEGUNDA EDIÇÃO

CORRÉCTA, E AUGMENTADA,

.... minuantur atræ
Carmine curæ.
Horat. L. IV. Od. XI.

RIO DE JANEIRO

TYP. DE G. LEUZINGER & FILHOS, OUVIDOR 31

1887.

Á MEMORIA

DE

MINHA MUITO AMADA MULHER

D. RITA BARBARA PIRES LOPES

O. D. C.

. . . .

Amor na minha idéa te retrata;
Busca extremoso que eu assim resista
Á dôr immensa, que me cerca e mata.
Quando em meo mal pondero,
Então mais vivamente eu te diviso:
Vejo o teo rosto e escuto
A tua voz e riso:
Movo ligeiro para o vulto os passos,
Mas em vão sobre o peito aperto os braços!

. . . .

. . . .

Ah! quer, Esposa, o meo destino ingrato
Que gozar-te não possa, estando vendo
N'esta alma o teo retrato!

M. de Dirceu. Parte II. Lyras XXII, XII.

AOS MEOS AMIGOS

Cumpro um dever, agradecendo, como effectivamente agradeço, a todos os que se dignaram de acceitar, e angariar assignaturas das *Lyras de Marilia de Dircêo traduzidas para verso latino*; e aos meos confrades, e amigos Dr. Fortunato da Fonseca, e Vicente Vargas, latinistas de reconhecido merecimento, o cuidado da revisão typographica.

DR. A. DE CASTRO LOPES.

Meo caro Castro Lopes.

Triste lembrança a de me escolheres para prefaciador do teo excellente livro! Não sabes que pertenço hoje á numismatica e que me consideram *medalhão,* guardado ahi n'alguma vitrina pulverulenta do Musêo? Desengana-te, meo velho amigo; o meo tempo já passou; estou morto e tenho sellada sobre mim a lousa do tumulo, em que me encerraram. Sou uma das reliquias vivas, ou antes das amostras superstites de uma raça prestes a desapparecer e já considerada fossil, antes que a acção do tempo e da natureza a tenham *fossilisado.* Só represento aos olhos da moderna geração os esforços de um dos obreiros obscuros e secundarios, que serviram de carregar alguns dos materiaes para a construcção de monumento attestador de um passado extincto e cuja estructura e fórmas architectonicas destôam das regras da arte moderna e não sensibilisam o gosto actual e os progressos do espirito humano.

O monumento existe em pé, coberto da *lichen*

do tempo; mas não fala do presente, nem traduz as aspirações da geração contemporanea; pertence a uma idade, que já terminou a sua evolução; a um cyclo de civilisação, que já exerceo toda a sua influencia sobre a humanidade.

Admirador e sectario do romantismo, *laudator temporis acti*, sou, como já o foram muitos outros, excluido da lista d'esses poetas geniaes, ricos de fogo sagrado e cultores irreprehensiveis da fórma, que desthronaram de sua immortal séde o Archanjo inspirador da poesia á Chateaubriand, Lamartine e Victor Hugo, para recollocar no cimo do *Parnaso* a Musa, que accendeo o estro do poeta de Ascra.

Falo para essa pleiade de poetas e escriptores uma linguagem desconhecida e sem echo, vasada em moldes, que de ha muito, cahiram em desuso. Figura-se-me que o pobre antiquario, por elles tractado na sua imprensa e reuniões com o calculado desdem do silencio, representaria no meio d'esses jovens o papel de um velho de rabicho e cabelleira empoada, teimoso em envergar o casaco de seda, os calções, as panturrilhas, o tricorne, o espadim e todo o vestuario da Regencia, que hoje excitaria extranheza, si não provocasse riso.

A minha phraseologia é archaica; (que assim denominam a que, respeitando o modo de escrever

dos classicos, acompanha o movimento evolutivo da lingua); o meo estylo é *pesadão*; qualificativo, com que baptisam os que não usam dos rendilhados e dos arabescos, com que tecem a subtil e vaporosa têa de seos admiraveis artigos, tão leves e ethereos na contextura, como esses véos diaphanos e quasi impalpaveis, que um dos satyricos romanos denominou *vento textil.*

E que assumpto procuraste para o teo livro!... As lyras de Dircêo trasladadas para verso latino!... Enfias a toga pretexta em um poeta da Arcadia, que empunha cajado, veste pellíco, traz surrão a tiracollo e toca a manivella da sanfoninha, cuja toada lhe acompanha os idyllios pastoris. Não contente de exhumar o cadaver da Musa Arcadica, ainda ousaste cobri-la dos andrajos, que a mumia Romana conservava no seo esquecido sarcophago!... Velharias cobertas da poeira dos seculos e sobre as quaes desceo para sempre a cortina do olvído!... Ora, meo Castro Lopes, agora que estamos na Semana Sancta, vae confessar-te a um padre surdo, e murmurando contrito o *pœnitet me* mais das entranhas d'alma que puderes encontrar, pede perdão a Deos d'este peccado de leso-gosto, que importa a negação do bello e a condemnação de tudo quanto o espirito humano exhibe hoje de grande e admiravel nas suas producções.

Assistirá, porêm, razão aos coryphêos do neoterico synhedrío litterario para se julgarem creadores de uma eschola, reformadores da poesia e representantes do verdadeiro gosto? Teem elles auctoridade para decretar *veredictum* de competencia aos litteratos, que são considerados legitimos sectarios da hodierna poesia, e para excluir do elenco, como atrazados e anachronicos, os que tomam como seos oraculos os genios do romantismo, cuja gloria ainda illumina toda a amplidão do horizonte litterario?...

Vejamos.

Só o genio póde crear. Ha n'elle mais um sentido, que no homem vulgar. «O talento, na expressão de J. P. Richter, repercute um unico som, como a corda do piano ferida pelo martello; o genio, pelo contrario, semelha as cordas da harpa eolia, que exhala sons diversos sob differentes sopros. Florescem no genio a um tempo todas as faculdades; a imaginação não é apenas uma flôr; é sim a propria Deosa Flora em pessoa, que, para produzir novas combinações, approxima os calices, cuja união póde ser fecunda; é, por assim dizer, uma faculdade cheia de faculdades. O coração do genio possue certa maneira, que lhe é propria, de encarar o mundo e a vida. O talento não apresenta senão partes; o genio apresenta a totalidade

da vida, até n'essas sentenças isoladas, em que se tracta do tempo e do universo. Ha no homem privilegiado uma interior materia, uma poesia, como que innata e involuntaria. Esta materia é o que constitue a originalidade do genio; é ella que produz a igualdade dos differentes genios; pois si o que é humano é multiplo, o divino é um. Assim, os genios poeticos, separados ao principio por grandes distancias, quaes astros ao nascer, approximam-se no zenith dos tempos, elevando se tambem como os astros... O instincto divino, hyperphysico, que é levado ao ultimo gráu de intensidade no genio, dá vida e anima a materia exterior, ou a realidade psychologica da poesia — sua fórma. — Este espirito universal do genio vivifica, como todo o espirito, cada uma das partes de uma obra, sem que habite em qualquer d'ellas; póde mesmo, pelo seo superior encanto, tornar superfluo o encanto da fórma. O genio vê a natureza mais rica, e de modo mais completo; cada genio crêa uma natureza nova, revelando mais profundamente a antiga. Só o genio póde produzir profunda revolução nas idéas, nas tendencias, no gosto; só elle póde fundar eschola. »

Os fundadores da eschola, denominada *Parnasiana*, possuirão em gráu supremo a reflexão, o instincto divino, o sentimento do ideal e a ima-

ginação ardente, que em equilibrio perfeito formam os caracteristicos essenciaes do genio ? Serão espiritos creadores, capazes de ascender ás fontes do bello, comprehende-lo e erguer o estandarte de uma nova cruzada litteraria, lançando por terra o que, hasteado pelo glorioso auctor da *Legenda dos Seculos*, ainda hoje fluctúa victorioso sobre o seo sepulchro em Santa Genoveva ?... Terão as modernas producções poeticas, que tanta admiração merecem de seos adeptos, individualidade propria e maneira de conceber inteiramente nova ? Das reflexões, que vou expender, tire o leitor a resposta a estas interrogações.

« Filha primogenita da imaginação, e da sensibilidade, segundo a denomina notavel escriptor, a poesia (que habita a esphera do ideal) não consiste sómente no ideal; porque n'esse mundo tambem residem a rasão pura, e especulativa. Não consiste tambem na inspiração e no enthusiasmo, que são igualmente partilha dos pintores, esculptores e musicos. Nem tão pouco lhe formam a essencia o estylo figurado e as imagens ; — vestes que servem apenas para realçar-lhe os encantos e não passam ás vezes de ouropéis brilhantes, que, deslumbrando olhos e illudindo ouvidos, disfarçam a pobreza do estro e a ausencia de sentimento. Não é tambem a versificação a sua condição *sine qua non;* pois

os *Psalmos* de David, o *Cantico dos Canticos*, o *Telemaco*, os *Martyres* e o *Eurico* são verdadeiros poemas em prosa. A ficção é o meio, em que vive a poesia; mas a ficção, só por si, não a constitue.

A essencia da poesia está na sensibilidade unida á imaginação e á inspiração; e esta, na expressão de outro auctor, é a plenitude do pensamento, a exaltação das forças da intelligencia, o enthusiasmo, ou o fogo interior no mais alto gráu.

No conceito de J. P. Richter, foi Aristoteles quem melhor definio a poesia, dizendo que a essencia d'ella está n'uma bella e immaterial imitação da natureza.— Quem quizesse imaginar o maior poeta (diz Richter na sua Poetica) deveria suppôr a migração de uma alma de genio átravez de todas as nações, epochas, e condições sociaes, deixando-a navegar em derredor de todas as costas da natureza.—

O verdadeiro poeta é o que, convertendo em espelho do universo o crystal puro de sua alma, o colloca sôbre o fundo sombrio da vida. Estudando a natureza inteira com olhos observadores, com a intuição de poderosas faculdades de genio, ou de superior talento e com o espirito livre, não se deixará captivar por aspectos parciaes d'essa natureza, e sim abraça-la-ha no conjuncto, e sob todas as suas faces. Assim, deixando a leitura assidua dos

grandes poetas, que poderá consultar mais tarde, quando o seo genio estiver formado, fugirá o joven escriptor da imitação servil, que degenera em lyrismo fôfo e diluido. D'esse modo não tomará do poema d'outrem a natureza; mas da propria natureza brotará o seo poema virgem, viçoso, e fresco; terá então o seo livro imagens originaes, e não sombras de imagens, gritos de sua alma, e não echos d'almas extranhas.»

A simplicidade, signal que distingue a antiga litteratura classica (a latina, que da Grecia a herdou) deve ser mantida pelo poeta, si quizer justificar seo titulo, angariar a admiração dos contemporaneos e viver na posteridade.— A humanidade canonisou o sublime e o simples dos seculos, disse o Visconde de Castilho escrevendo a Mont'Alverne.— «Esta simplicidade, porêm, não exclue, e antes suppõe necessarias elevada cultura esthetica, imagens naturaes, perfeição do dizer poetico, e harmonia do pensamento sem prejuizo da força e do calor. Quanto á perfeição da fórma e do estylo, nem sempre o genio as respeita, sem que deixe de ser genio. Si ella constituisse condição essencial do classismo, seria Shakespeare excluido d'entre os classicos, Addisson occuparia na lista o primeiro logar, e Goethe teria de ceder o posto a Manso. Dizia Longino que era preferivel ser um

Homero ou um Pindaro com erros a ser um Bacchylide, ou um Apollonio sem erros. Elle preferia Demosthenes impetuoso, e incorrecto a Hypperide, orador brilhante e irreprehensivel na fórma, mas mediocre. Pelo lado grammatical não ha grande escriptor, ou poeta eminente, que possa supportar exame rigoroso e ser plenamente approvado. Sob este aspecto, qualquer professor provecto de portuguez seria preferido a José de Alencar, uma das mais pujantes individualidades litterarias do Brazil.

O encanto da poesia hellenica está, pois, na sua simplicidade, simplicidade de criança, tão rica e tão bella, que nos transporta hoje, não como a crianças, mas como a homens, que a perderam, e cuja natureza, estiolada ao calor da civilisação, aprecia melhor do que o fariam os Gregos de outr'ora, a plenítude concentrada de suas flôres poeticas.

Esta simplicidade, tal como a definimos, isto é, com o cortejo das figuras, dos motivos, dos caracteres, do sentimento e da seducção das fórmas, póde ser observada na poesia romantica, como effectivamente o é na italiana, que pela sua graça, clareza e *simplicidade* se approxima, sem ter discrepado jámais, do eterno modelo grego.»

Todas as vezes que o gosto se deturpa e o estylo se requinta e empolla, a poesia vae retem-

perar-se a essa fonte do bello, regenerando-se pela imitação das fórmas hellenicas. Fôra estender de mais estas ligeiras reflexões o assignalar as differenças, que separam o classismo do romantismo. Direi sómente de passagem que a poesia tem caracter cosmopolita; do bello indeterminado, ou do infinito bello, ou do bello sublime, que é a essencia do romantismo encontram-se exemplos até em Homero. « É romantica a passagem da *Iliada*, em que Jupiter do alto do Olympo deixa ao mesmo tempo cahir seos olhares sobre o campo da batalha tumultuosa de Troia e sobre os longinquos prados da Arcadia, esclarecidos pelo mesmo sol; é tambem sublimemente romantico o trecho, em que Ajax, em meio a obscuridade do combate, pede aos deoses a luz, sómente a luz... O clarão da lua é, simultaneamente, uma figura e um exemplo romantico.

Na poesia grega brilhavam já alguns raios do romantismo, como o fim do Edipo em Sophocles e o temivel Destino, metade demonio, metade Gorgona. » — Que é o *pardal*, de Catullo, imitado na idade média pelo veneravel Beda, senão uma poesia romantica? Que outra cousa são muitas das elegias de Propercio a Cynthia, de Tibullo a Delia, de Catullo a Lesbia?

Com Alfredo de Musset, personalidade forte-

mente accentuada da poesia no seculo actual (apezar da opinião em contrario do auctor das *Orientaes*) começou a rebellião contra o romantismo, de que eram chefes Lamartine, e Hugo. « Musset, diz um escriptor, não póde ser classificado em eschola alguma; Musset é Musset; diz o que sente, e como o sente. Seo verso é o typo do verso francez, amoldando-se tão perfeitamente ao pensamento e ao sentimento, que parece não poder haver outra expressão, a não ser a que emprega; sua harmonia faz esquecer o deleixo da rima. »

« Depois dos astros-reis do romantismo e seos satellites, como Vigny, Sainte Beuve e T. Gauhier, parecia que nada mais restava dizer em poesia: — generosas inspirações poeticas, explosões do sentimento, volta archaica á antiguidade, expressão multipla das paixões e das complicadas tendencias da vida moderna, tudo parecia esgotado. Surgio porêm outra evolução de romantismo; de objectiva tornou-se subjectiva a poesia: — é o reinado do individualismo. Como reacção, appareceo outra eschola, que permaneceo impassivel, puramente archaica, historica ou descriptiva. T. Gauhier em seos *Emaux et Camées* », e Lecomte de L'Isle em seos versos, collocaram-se á frente dos « impassiveis;» *os Sonetos e Aguas-Fortes* são a expressão d'estas idéas. Essa poesia consiste na applicação

da imagem ao pensamento e ao sentimento ; nada lhe é estranho — nenhuma idéa, nenhuma pintura, nenhuma impressão, anda que personalissima e fugitiva...

É a poesia viril, humana, que toca em todas as grandes questões da philosophia, da politica, da vida contemporanea. Ácima de Catullo enthronisam Virgilio, Horacio, Lucrecio; acima de Theocrito e Sappho, — Homero, Hesiodo, Eschylo e Shakespeare. Nossos poetas de hoje não são, quanto o devem, solicitos em recordar ao publico que as altas regiões, que todas as perspectivas, e todas as combinações da natureza viva estão abertas á poesia. Pensam alguns ter feito muito, arrastando frouxos versos pelos trilhos do sentimentalismo reaccionario. Estes são ainda menos do seo tempo do que os *impassiveis*, especie de desdenhosos, que experimentam ineffavel prazer em cinzelar archaismos, em pintar affectadamente effeitos de luz, ou de chuva e orlas de paisagens orientaes com figuras. Estes ao menos são artistas; penetram-se de uma verdade parcial ; sabem que a fórma é condição essencial de toda a poesia ; mas desprezam o fundo, que é a vida, o espirito, as esperanças e a vontade das gerações a caminharem para o futuro. Retiram-se para um bosque sagrado, d'onde furtando-se ás vistas, apenas olham para o resto do

mundo. — Queremos tudo abranger, exclama um corypheo d'essa eschola—tudo ; — paineis a pastel, objectos de arte, arias de bravura, cavatinas amorosas, pintura, aguas-fortes, estatuaria e musica. Tudo o que póde animar a imagem é do dominio da poesia ; em poesia nada dura, senão pela fórma, e cumpre que a perfeição da fórma corra, como se crê, as ruas : em poesia nada vale, senão pelo *fundo ;* é o assumpto, o alcance, o caracter e a pessoa do poeta, que assignalam a ordem e o logar do poema na serie das producções humanas.—

A eschola *parnasiana* deveo seo nome ao *Parnaso contemporaneo*, collecção de poesias dos *impassiveis*. Esse volume, que deveria ser o *livro de ouro* da poesia contemporanea, e do qual estão excluidos Lamartine, Hugo e Mery, e contemplados Boyer, Houssaye e Gautier, foi illustrado com as producções de Leconte de L'Isle, François Coppée, Catulle Mendès, Sully Proudhomme, André Lemoyne, Lafenestre, Leon Dierx, Albert Mérat, Valade, Armand Renaud e outros. Todos estes pertencem a quatro escholas differentes, que têm por chefe Gautier, Leconte de L'Isle, Théodore de Banville e Baudelaire. Em vez de obras primas, foram exhibidas mediocres composições pelos que figuraram n'esse repertorio.— « Illude-se quem quizer julgar por esse Evangelho os apostolos da poesia actual. Esses

versos, cinzelados aliás com o capricho do mais delicado buril a modelar purissimas fórmas, ficaram abaixo da estatura de gigante do pontifice da arte da harmonia ; falta-lhes o sopro animador, a *alma parens*, o halito divino, que infunde vida e anima a palavra.

« Nelles (diz um competente juiz) é grande a sciencia do verso; mui desveladamente caprichado o lado material da versificação ; riquissima a rima ; mobil a cesura e moderado o emprego do *enjambement;* mas estas poesias, tão delicadamente buriladas, nada dizem, ou dizem muito pouco ; nenhuma só d'ellas deixa de resentir-se de affectação e requinte ».

Severo por demais, e por isso carecedor de justeza, se me affigura este juizo. Para provar esta asserção bastará transcrever do volume a seguinte composição de Leconte de L'Isle :

LA VÉRANDAH

Au tintement de l'eau dans les porphyres roux
Les rosiers de l'Iran mêlent leurs frais murmures,
Et les ramiers rêveurs leurs roucoulements doux.
Tandis que l'oiseau grêle et le frelon jaloux
Sifflant et bourdonnant, mordent les figues mûres,
Les rosiers de l'Iran mêlent leurs frais murmures
Au tintement de l'eau dans les porphyres roux, etc.

Nestes, e n'outros versos mostrou-se Leconte de L'Isle digno das credenciaes de dictador do Parnaso, que lhe outorga a opinião de seos discipulos e que ninguem lhe póde contestar. Verdadeira abelha do Hymetto, elabora os mais dulçorosos favos de mel, zumbindo aos ouvidos dos mortaes as mais suaves melodias do eterno concerto virgiliano. O metro deslisa-se-lhe limpido, como a crystallina espadana da lympha da Castalia a reverberar aos raios do sol todas as cambiantes do prisma.

Como o diamante, escrupulosa e pacientemente polido, não se resentem esses versos da menor aspereza; nem a mais leve aresta lhes erriça a lisura das facêtas. Insinuam-se pelos ouvidos, quaes vibrações produzidas no ambiente pelo mover das azas auri-brancas de algum anjo em lucida esphera. Cada verso, masculo e sonoro, brota forjado de um jacto, tal, como o pujante cerebro o concebera; sente-se a contextura artistica na collocação da cesura, no quebrar do verso, na propriedade e riqueza das imagens, na fluidez do estylo — sempre elegante e terso — na energia do pensamento claro e viril, na combinação das syllabas, na variedade das vogaes e na esmerada allitteração, que evita os sons magoadores do tympano. O seo rythmo é cadencia celeste, d'onde desceo o segredo da

harmonia para esse rei da inspiração. A rima, sempre facil e natural, fórma o complemento do thesouro, que com suas munificentes mãos espalha ante os admiradores do bello esse nababo á nadar em genial opulencia. Apparece ao cabo a estrophe; — modelo de perfeição, symbolo ideal do esthetico, que o Prototypo do Bello revelou aos entes privilegiados, capazes de reproduzi-lo no mundo sensivel. A uma estrophe succede outra, tão bem architectada, como a anterior; é como um collar de gemmas a desdobrar-se. Serve o conceito de coroamento ao primor poetico. Extatico o ouvido, delicia-se por largo espaço com a etherea musica; e a alma embalada no magico enlevo e na suavidade da symphonia paradisiaca, ajoelha-se assombrada ás plantas do interprete sublime, que lhe ensinou a mysteriosa linguagem, na qual os celestes espiritos cantam as dulias ante o sólio do Altissimo. O instrumento maravilhoso tem cordas para todos os ouvidos, echos para todos os corações; suas vibrações não repercutem apenas dentro da circumscripção habitada por um povo, ou por uma raça; toda a humanidade a comprehende; grava-se na memoria universal e produz impressão em todo o homem civilisado, que a escuta e que sabe a lingua, em que foi sensibilisada. A admiração, que essas producções excitam, não

pára no limiar de um seculo; passa de geração em geração, como a cavatina *Il mio tesoro*, *do Dom João*, de Mozart, e como ha de passar a symphonia de *Guilherme Tell* e o *Chôro dos punhaes*, dos *Huguenotes*.

Tal é Leconte de L'Isle, o antistite supremo do *Parnasianismo*, sagrado oraculo pelo voto unanime da actual geração de poetas e collocado pelo suffragio dos *Immortaes* na Cadeira da Academia Franceza, que Victor Hugo trocou pelo Pantheon.

Ninguem lhe negará o fogo sagrado, a potente inspiração, o estro espontaneo e fecundo, que constitue o genio. Como o sol que inundando n'um oceano de luz a zona amplissima, onde chegam seos raios nas solidões do espaço, empresta a luz aos planetas, assim Leconte de L'Isle converte em outros tantos fócos de claridade os astros, que em torno d'elle gravitam, e que são rutilantes sómente, por que reflectem os raios do astro-rei.

Nem todos esses satellites receberam da natureza em dote a chamma do genio: muitos d'elles todavia são notaveis por superior talento; creador e mestre só se me affigura que é o auctor dos *Poêmes barbares*.

Procurou imita-lo na Italia Giosué Carducci, (Enotrio Romano) que os seos adeptos proclamam o maior poeta italiano depois de Dante. Nas suas

Odi Barbare tentou elle naturalisar, excluindo a rima, todos os metros latinos; — o terribilissimo *iambo*, que armou a ira de Archiloco; o forte *alcaico;* o maviosissimo *sapphico*, tão exaltado pelo Venusino, e o magestoso *hexametro*, que foi a gloria de Virgilio. Naufragou porém nesta tentativa, em que só conseguio relativo triumpho a poesia tudesca, que aliás se limitou a adoptar o *iambo* e o *trocheo*.

A lingua italiana, bem como a portugueza, de indole mui diversa da allemã, não comporta essa metrica, que arranha, em vez de afagar, os ossos petrosos do ouvido. Igual naufragio soffreram nesse assumpto Ariosto, Alberti e Dati, poetas do seculo XVI. Quando muito poderia passar o seguinte metro:

« *Surge nel chiaro inverno la fosca, turrita Bologna*
E il colle sopra bianco di neve ride ».

A proposito d'esta innovação de Carducci, dizia Zocchi: « A melodia, a graça, a doçura do verso constituem condições ordinarias do exito de um trabalho poetico; é necessario porêm que a indole e a estructura do verso não sejam diametralmente oppostas á da lingua, como na do auctor das *Odi barbare* e seos satellites ».

Tem a moderna eschola poetica uma tendencia,

que não lhe asseguraria longa duração, ainda quando seos escriptores se approximassem da perfeição da fórma, representada pelo legislador do *Parnasianismo:* esta tendencia é o *Naturalismo.*

Trabalha elle para cobrir de vituperio todas as crenças religiosas, lançar o ridiculo sobre todos os delicados sentimentos da piedade e ludibriar os dogmas christãos. Voltando o rosto a todos os cantores do ideal christão, desde Dante até Manzoni, prostra-se ante os fautores da descrença e da impiedade.

Repercute em muitos cantos dos modernos vates o echo d'aquella medonha blasphemia contra o Christo: « *Esmagae o infame* »; blasphemia, que polluio os labios do cantor da *Pucelle,* e teve a contestação do auctor das *Confissões* naquellas celebres palavras: — « Si a vida e a morte de Socrates são de um sabio, a vida e a morte do Christo são de um Deos ». — Aquella sentença do philosopho de Ferney, mais injusta e cruel que a de Herodes, parou tremendo ás portas do seculo XIX, sem ousar transpô-las. E não foi sem dolorosa surpresa que ha dias li nas paginas da *Gazeta de Noticias* esta proposição: — Voltaire veio debellar a crendice. —

Fatal aberração de penna tão luminosa, como a de Ferreira de Araujo, que tudo aliás discute com superior talento!

A victima do Calvario, o rei da philosophia eterna, que regenerou o mundo com a sublime moral por elle ensinada e por elle demonstrada na pratica, o pregador da fraternidade universal, que espedaçou os grilhões do captiveiro e condemnou tudo quanto lisongeava as paixões, e os maos instinctos; o homem divino, que dominava com a palavra e edificava com o exemplo; o civilisador do mundo, que nobilitou o homem e glorificou a mulher, arrancando-a do lupanar dos Romanos e dando-lhe por typo e modelo a Virgem immaculada, symbolo da castidade e de todos os purissimos affectos; — o Deos humanado — teve no seculo XVIII por julgamento da sua obra de redempção do genero humano inscripção ainda mais degradante, que a do populacho judaico, quando o considerou mais criminoso que Barrabás, e o condemnou ao supplicio da cruz entre dous ladrões!!

A inspiração religiosa foi sempre um dos principaes móveis da arte; si d'elle se divorcía, deturpa-se a arte e perde o caracter ideal. O que vemos hoje na poesia, na pintura e na esculptura? Não se observa, em geral, nas obras modernas aquella vida immaterial, que dava ao verso, ao marmore e á tela vida e sentimento esthetico. Tudo é mesquinho, mudo e sem echo para o coração; o bello ideal nem por sombra se reflecte nessas compo-

sições. Na pintura, em vez dos primores de Sanzio, de Ticiano, de Guido e de Murillo, ostentam-se representações de Venus e Cupido. É verdade que ahi se estampa a belleza plastica em toda a perfeição; mas são estatuas calcadas sobre antigos modelos gregos e sem o caracter da poesia christã.

O deleite, de que fala a *Arte poetica* de Horacio, não é o deleite sensual; é sim o deleite moral, — o da educação das faculdades affectivas, do gosto espiritual. O deleite da poesia fala ao coração; elle move os affectos e incita aos nobres sentimentos; a poesia pinta a Omnipotencia, a Sabedoria e a Bondade do Creador e as maravilhas da creação. O *Naturalismo*, porém, pinta o que ha de asqueroso e immoral scenas de bordel—e orgias de taberna. Nos *Cafés cantantes* e até em certos theatros restrugem os echos das canções livres e gargalham as cachinadas da libertinagem. Á filha do Evangelho despiram a castissima tunica, enroupando-a no saiote da corybante. O sceptico, o incredulo, o pantheista derramam na lyra todas as duvidas e toda a desesperação de seo espirito. Resulta d'ahi uma poesia gélida, embora talhada em modelos classicos e que enfastia, por que vibra a mesma corda; ou uma poesia desesperada e frisando pela blasphemia, á imitação das de *Byron*. Em todo o caso, essa poesia não deleita; é bella,

si o quizerem, mas artisticamente falsa, por que não fala á alma. — E os apostolos do novo *credo* litterario só acham bello o que insulta e ridiculisa a crença religiosa; o que rende culto ao sensualismo. São sectarios exclusivos do paganismo e da eschola de Epicuro.

« Mas é uma poesia nova, bradam os *Parnasianos* e *Naturalistas* do alto do solio, em que se encastellaram como representantes da nova tendencia e da moderna manifestação do pensamento esthetico. Quebrámos os velhos moldes e creámos o unico, que exprime a ultima phase evolutiva do gosto; fóra da nossa eschola é tudo velho, bolorento, incompativel com o rejuvenescer da arte, de que somos a encarnação. Os poetas do classismo, e do romantismo nem merecem que os tomemos a serio; são columnas truncadas, cobertas de hera, que avultam entre os destroços de templos derrocados, os quaes nunca mais serão reerguidos ».

Em que consiste porém a *novidade* d'esta poesia? Será no assumpto? Não; por que ella vae bebe-lo no repertorio classico e romantico «desde o *naturalismo* mais desbragado de Homero, Catullo, Marcial e Persio até ás feitiçarias de Shakespeare, ás absurdas metaphoras de Ossian, aos devaneios de Gœthe, ás extravagancias de Heine e ás exhalações vaporosas de V. Hugo. E pois a poesia

nova tem cabellos brancos, como o Cantico dos Canticos, e nada innovou.»

Consistirá a novidade no ideal? Onde está elle? Qual é? O indecoroso, o nú repellente é a antithese perfeita do ideal. — Consistirá na fórma? Timbram muitos *neotericos* em mudar a phraseologia recebida dizendo as cousas de modo extraordinario, destruindo a fórma antiga da expressão e dando á poesia uma face pueril. Por fórma entende-se — « a pureza da lingua, a propriedade e a elegancia das phrases, a escolha dos vocabulos, a proporcionada distribuição das partes, a urdidura do discurso poetico e tudo que constitue a parte mechanica de um trabalho ». —

Os *neotericos,* em geral, falseam a dignidade da expressão, descendo quasi sempre de um rapto de Pindaro ás incongruencias de Rabelais e de Arlequim; do grave e serio descahem a cada passo no pedestre, no chocarreiro. De subito volve-se Apollo em Sileno e a Venus Urania desnuda-se em hetaíra. Segundo a hora e o capricho, torna-se o poeta idealista, realista, moderno, grego, medieval, classico, romantico. Os labios, que principiam invocando casta deidade, molham-se logo na taça da saturnal e libam as iguarias vulgares das casas de pasto e confeitarias de infima classe. A lyra, que faz vibrar as cordas mais sensiveis e delicadas do

coração, poisa d'ahi a pouco na mesa enxovalhada pelo absynthio e pela chanfâna. Ao indecoroso do estylo juncta-se o da palavra; e não raro, depois da descripção de uma formosa mulher vem a de uma posta de *roast-beef*, cujo môlho é comparado ao viscoso pús de tumor, ou pustula infecta.

O pretendido culto da fórma, apregoado como o *proprio amor da nobre natureza, da qual a solitaria abstracção semitica havia alienado o espirito humano;* esse culto, que se inculca consistir na restauração da fórma grega, não passa de uma nova machina de guerra contra a fé catholica; é uma caricatura da natural simplicidade hellenica, e não póde ser considerada *uma fórma humana.*

O verdadeiro typo humano da poesia é o afeiçoado pelo Christianismo, que representa tudo quanto de bello e perfeito ha na humanidade. — Reproduz o *Parnasianismo* o homem, e a mulher, taes, quaes Deos os creou? — Sancta Cecilia, e Sancta Ignez são exemplares femininos mais sublimes do que Cornelia, e Lucrecia; Sancto Estevão e São Lourenço são modelos de fortaleza viril mais admiraveis do que Scevola e Regulo! A poesia actual calumnía a mulher, quando a representa sensual e impudíca; degrada o homem pintando-o egoista e mesquinho. A escandalosa nudez das Susanas no banho e das Phrynéas ante o

Tribunal; as crianças em posição indecorosa a comer papas, ou a brincar com gatos são os seos quadros de predilecção: sempre a incitação á sensualidade; sempre a deturpação do humano ideal christão.

« O *naturalismo*, diz Zocchi, matou o bello esthetico. Elle prefere as descripções frivolas do ninho da andorinha, da loura cabeça de um menino, da mãe a aleitar o filho, dos brincos domesticos, tudo affogado n'um diluvio de epithetos monotonos e de convenção. Os da roda páram, exclamam: Como isto é bello? Que naturalidade! Parece vivo!... Esta, porém, não é a vida da humanidade; é sim a parte minima e mais accidental d'ella. Não é esta a grande arte da Grecia e de Roma; é o misero viatico, que Deos deixa á triste geração actual, para que não succumba na viagem e não desespere do futuro da humanidade ».

Dizem os *naturalistas* que elles são (e convém que todos o sejamos) do seo tempo; pena de incorrer no ridiculo. Sim; mas é preciso obedecer á força educadora da arte e respeitar a honestidade — patrimonio de todos os tempos e nações; pois, como diz Rigutini: « não ha theoria esthetica, que repugne á consciencia moral e aos principios da civilidade e da decencia. A elegancia espontanea e cheia de vida de muitos poetas da moderna es-

chola não os salva da pecha do materialismo, tendencia geral da litteratura neste seculo ».

Rica de talento, pujante de inspiração é a pleiade dos actuaes poetas do Brazil e de Portugal. Exclusivistas, porém, como são muitos d'elles, não admittem salvação fóra de sua egreja: desdenham dos que não commungam com suas idéas; affectam crêr ou antes, acreditam que os poetas de outras escholas não teem direito de figurar entre os cultores da fórma e os sectarios de seo novo ideal. A quem discrepa um ápice de seo programma increpam de heterodoxo e cospem o *raca maranatha* insultuoso. — Esquecem, que entre esses poetas alguns ha que observam tão fiel e crupulosamente como elles, a perfeição da fórma, a pureza do estylo, a harmonia do rythmo, o apuro da rima e a estructura do verso.

Admiro Theophilo Dias no Brazil e Castilho e Soares de Passos em Portugal; são dignos émulos de Bocage e Nicoláo Tolentino.

Será primor de fórma rimar a syllaba aberta com a fechada, como — *espelho e Evangélho, maiór e amôr* — tornando graphica a rima que é phonetica?

Será de bom gosto multiplicar na poesias de curto folego as estancias de sentido incompleto, de modo que o pensamento se vá concluir na estancia seguinte, muitas vezes no primeiro verso?

Dá provas de escrupulo apurado quem anda em procura de rimas difficeis, raras, e muitas vezes imperfeitas, cuja approximação, pelo facto de exprimirem cousas differentes as palavras, em que ellas se conteem, traz em resultado idéas, que não teem entre si a minima relação?

Sejam mais humanos os nossos jovens poetas; não condemnem como velharias as producções dos que não se alistaram sob o balsão da sua eschola. Muitos dos da nova geração não se limitam ao culto da fórma: entre outros citarei o Sñr. Dr. Raymundo Corrêa, auctor da mimosa poesia — *As pombas* — que respira delicada sensibilidade, e o Sñr. Filinto de Almeida, que na sua *Lyrica* escreveo muitas cheias de melancholia e que deixam n'alma suavissima vibração de saudade. Esses *specimens* são de verdadeiros poetas; ha nelles fogo sagrado, inspiração rica e espontanea. São *Parnasianos* na fórma, e (romanticos, ou classicos?) na substancia; poetas de lei, em summa, como outros, cujo elencho seria longo.

Mas agora cáio em mim!... Que moxinifada fiz!... Falei de tudo, que me não importa, e nem uma palavra a respeito de teo livro!... Eis o resultado de confiares a um jarreta mofento o cuidado de o prefaciar: a culpa é tua; devêras incumbir de tão delicada tarefa o engenho arguto de Carlos

de Laet, ou de Joaquim Serra, criticos de fino quilate. Que poderei, aliás, addir ao que escreveo José Castilho? Nada.

O conhecimento da lingua latina, fonte e matriz da nossa, é essencialissimo para pureza e correcção do estylo e formação do gosto. No modo, com que manejas a phrase castigada e estreme de construcção franceza, mostras que és senhor de nossa lingua: já de ha muito estás proclamado e consagrado mestre dos dous idiomas. Não consultas os eternos modelos do bello nas versões defeituosas, que nos offerecem os Francezes; vaes beber o espirito dos grandes e immortaes escriptores na primitiva fonte, no original latino. Hoje que é profunda a degeneração da lingua de Camões, a poncto de serem creados por quem não gosa de auctoridade, vocabulos, que não teem filiação etymologica; hoje que a corrupção do gosto ameaça estrágo; é mais do que nunca necessario lustrarmo-nos nos mananciaes purissimos da arte. Hauriram-n'os a fartos sorvos os genios fecundos de Virgilio, Horacio, Ovidio, e Tibullo, onde a humanidade tem encontrado até hoje as licções do bello, que encanta, do sublime, que extasía, do grandioso, que arrebata.

Quem mais habilitado que tu, meo amigo, para revelar á geração de hoje os arcanos de har-

monia, as maravilhas de invenção, o delicado das imagens, a propriedade dos *similes*, o engenhoso dos conceitos, os thesouros em fim de sabedoria e os preceitos proficuos da arte, que se encerram naquelles repositorios do passado?...

Feliz da moderna geração, si fosse creada na Côrte uma cadeira de alta latinidade e te fosse confiada a regencia d'ella!...

Mas qual! Eu te admiro, como em Athenas se admirava a Philopœmen, appellidado o ultimo representante dos Gregos. Sacerdote de um culto, que já não conta adeptos, figuras como o derradeiro dos que teem crença na efficacia da lingua latina para perpetuar a tradição do genio antigo, pia baptismal, em cujas aguas sagradas o bom senso da humanidade vae regenerar a poesia, quando ella se afasta da verdadeira trilha do bello, e está proxima a barbarisar-se. Não tarda que, como ao monge Alphus da legenda de Schubert, te aponctem nas ruas, dizendo: « — Aquelle homem não é do nosso tempo; e sim o contemporaneo de gerações, ha seculos desapparecidas! — »

O latim, para o qual verteste as *Lyras de Gonzaga*, tem o fino toque da lingua do Lacio na idade de ouro: sinto apenas que não houvesses variado o metro, limitando-te ás parelhas do hexametro e pentametro: que recursos não tirarias do trocheo, do saphico e do alchaico!

Revela grande esforço de paciencia e profunda erudição das letras classicas o *centão*, em que descreves com versos de Virgilio, Ovidio e Horacio, etc., uma estrada de ferro, cousa que elles nem sonhavam, principalmente o ultimo que dizia ser dissociavel o *oceano*, quando este serve para approximar os homens, encurtando as distancias pela navegação a vapor e servindo de laço de união entre os diversos povos.

Mostraste, melhor que o auctor do hymno á Sancta Ursula, o quanto são germanas as linguas de Cicero e de Castilho, justificando exuberantemente o conceito do grande épico lusitano, quando proclama latina a nossa lingua, salva pequena corrupção. Esses versos, genuinos na fórma classica e obedecendo rigorosamente ás leis da metrica, dão a bitola de teos estudos philologicos e da facilidade admiravel, com que entras pelos penetraes do templo Apollineo.

A tua *Macarronea*, em que figuras Horacio, Virgilio e Ovidio, vindo ao mundo na quadra das vias ferreas e do telegrapho electrico, é satyra finissima, cheia de chiste e de opportunidade: deixaste muito áquem neste genero o erudito Antonio Duarte Ferrão, de academica memoria,

Praza a Deos não descoroçôes, e continues em teos generosos esforços de augmentar com magni-

ficas versões latinas a gloria das nossas lettras, e o nosso mingoado repertorio classico.

Rio, 7 de Abril de 1887.

Teo amigo velho e sincero admirador,

BARÃO DE PARANAPIACABA.

PROLOGO

DA

PRIMEIRA EDIÇÃO

Batido pelo tufão da desventura, e tendo no naufragio, que padeci, perdido a consorte de todas as minhas dôres e alegrias, rendo ainda graças á essa Força, que tudo rege, por me haver deixado cinco companheiros da adversidade.

Só delles rodeado, em um isolamento desesperador, como si a uma ilha deserta e esteril me houvesse arrojado o vendaval do infortunio, lanço ás ondas, que a circumdam, estas folhas repassadas de sentimento.

A similitude da má fortuna attrahia-me á meditada leitura das melhores lyras de um livro popular, que todos conhecem pelo singelo titulo de — *Marilia de Dircêo.*

Não era um crime politico o poncto de semelhança, que me ligava ao seo auctor, mas como este, eu soffria tambem os rigores de uma sorte cruel: não gemia em medonha masmorra, mas ouvia

2

no leito da doença o gemer sentido daquella, que foi quasi vinte annos esposa e mãe exemplar: não lamentava ver frustrado por vil desterro almejado hymeneo; mas tremia ao lembrar-me de que uma ausencia eterna poderia quebrar, como desgraçadamente quebrou, os laços da conjugal união: não phantasiava, sonhando no meio das sombras da prisão com a cubiçada liberdade, que a esposa entre as falsas historias que contasse aos filhos, lhes contaria a historia verdadeira das minhas infelicidades; mas vertia em segredo lagrimas ardentes imaginando no futuro destino, que aguardaria cinco desditosos orphãos!...

Sem ter nesses tempos de dura provação outra cousa, com que alliviasse meo acabrunhado espirito, dediquei á versão das lyras (exceptuada a primeira, que ha muitos annos eu havia traduzido e publicado) geralmente reputadas melhores, e daquellas, que por qualquer circumstancia analoga ao meo estado mais me agradaram, as poucas horas, em que um raio de consoladora esperança vinha alentar-me.

Aqui encontrarão os leitores o motivo especial, por que com o mais entranhado amor, e viva saudade offereço, dedico e consagro este trabalho á memoria da pessoa, a quem mais tenho amado.

Pedindo venia para estas considerações puramente individuaes, a que não me pude subtrahir por serem um desafogo á dôr, que me opprime,

passarei agora a tractar desta composição litterariamente examinada.

A edição da *Marilia de Dircêo*, d'onde trasladei para latim as presentes lyras, é a que accuradamente feita pelo illustre brasileiro *J. Norberto de Souza e Silva* foi impressa em Paris em 1862.

A publicação deste meo trabalho é devida quasi que directamente ao Ex.mo Sr. *Conselheiro Manoel Pacheco da Silva*, reitor do Imperial Collegio de Pedro II.

Este illustre propugnador dos melhoramentos pedagogicos, solicito sempre por tudo quanto possa interessar o progresso da instrucção publica, falava-me muitas vezes da conveniencia de excitar na mocidade o amor ao estudo, já offerecendo-lhe livros, que por seo assumpto mais lhe interessassem, já facilitando-lhe a acquisição dos conhecimentos respectivos em opusculos, cujo estylo não lhe fosse repugnante por sua difficuldade. Foi por effeito de taes idéas que publiquei o *Epitome Historiæ Sacræ*, adoptado no referido Collegio, e em muitos outros.

Foi ainda em virtude das mesmas considerações que me occorreo o pensamento de reunir as lyras de *Marilia de Dircêo* por mim vertidas para latim, no intuito de offerecer esta collecção como livro proprio para as aulas daquelle idioma.

A castidade das idéas, e da linguagem, os conceitos philosophicos, e a resignação verdadeiramente

christan, que se notam em todas as lyras aqui reunidas, dão a esta collecção os requisitos de uma obra didactica.

Em vez de traduzirem os estudantes algumas peças poeticas de Virgilio, Ovidio, Horacio, e de outros, menos convenientes pelo assumpto, sobre que versam; parece-me que seria mais proveitoso offerecer lhes, para se exercitarem no estudo daquella lingua, um livro que além de tudo quanto de bom encerra, tracta tambem das cousas patrias.

Reclamando a natureza da obra um estylo singelo, como deve ser o pastoril, não tem o latim das presentes lyras difficuldades, principalmente sendo destinadas para as classes, em que começa a traducção dos poetas.

Talvez pondere alguem que em qualquer livraria se encontra o original portuguez dessas lyras, hoje traduzidas para latim: mas não ha tambem traduzidos em portuguez, e em todas as linguas vivas do mundo civilisado todos os classicos latinos? de cada um delles não ha até duas, tres e mais versões?

Resta ainda uma reflexão, e é a principal. Serão de uma latinidade pura, extreme de erros, numerosos, e feitos segundo as regras da arte os versos, em que foram traduzidas as lyras? — A solução deste poncto compete a doutos latinistas; a mim só cabe acceitar suas emendas.

Cumpre-me todavia assegurar, e os leitores verificarão, que nem uma só palavra de latinidade suspeita foi por mim empregada; á nenhuma só dessas arrojadas licenças poeticas tive necessidade de soccorrer-me; que apenas usei das *figuras*, aliás frequentissimas e mui communs nos poetas latinos, taes como a *Syncope* e a *Epenthese*; e na medição dos versos, da *Synalepha*, *Ellipse*, *Syneresis*; da *Systole* tão vulgar no genitivo *illius*, e da *Dyastole* que a cada passo se póde realisar nas syllabas de origem breve postas antes de muta e liquida. Na construcção da phrase, sempre que pude imitar os classicos, o fiz intencionalmente; e um ou outro *grecismo*, que aqui e alli apparecem, não podem ser notados; visto que os melhores prosadores e poetas latinos os empregam, os poetas principalmente, com tanta profusão que deve-se considerar até como belleza essa construcção syntactica imitada do grego.

Preferi o emprego dos hexametros, e o destes com os pentametros em algumas lyras, por ser este o metro mais geralmente conhecido, e a cuja cadencia mais habituado está o ouvido estrangeiro do mundo actual.

Dou a esta publicação o titulo generico de MUSA LATINA, tencionando sob a mesma denominação publicar mais tarde novas composições. Este primeiro tomo contém vinte e cinco lyras, que vão marcadas com o numero que lhes corresponde em

cada uma das tres partes, em que está dividido o original portuguez: junctei em um appendice o *Episodio de Ignez de Castro* por mim vertido para latim, a *Elegia* que em verdes annos compuz por occasião da morte do meo Mestre de Latinidade *Agostinho José Gaspar;* a *Saudação á Aurora*, versos que se leem simultaneamente em portuguez e em latim; o *Centão*, em que descrevo uma estrada de ferro, empregando para essa descripção sómente versos de Virgilio, Ovidio, Lucrecio, Horacio; a invocação á *Saudade*, do poema «*Camões*» de Garrett, e uma macarronea, em que figuro uma viagem de Horacio, Virgilio, e Ovidio pela cidade do Rio de Janeiro.

Precedem as lyras algumas noções sobre a medição dos versos latinos, extrahidas da minha grammatica « Novo *Systema para estudar a lingua latina* »; e nos logares, que julguei precisas, puz notas, omittindo muitas outras, que a aptidão dos Mestres facilmente supprirá.

Julgo conveniente advertir ao leitor que na pag. 16 no verso — Clausus dum pendit *laminas;* aleator in una = deve ler-se *lamnas*, (syncope) além da *syneresis*, que se faz em *aleator* (alator).

ALGUMAS NOÇÕES SOBRE O VERSO LATINO
E SUA MEDIÇÃO

Resumo extrahido do *Novo Systema para estudar a lingua latina*

Do verso latino e suas especies

Chama-se *verso* a harmonica reunião de syllabas breves e longas dispostas segundo certas regras.

As partes, em que se divide um *verso latino* para verificar-se si contêm o devido numero de syllabas, chamam-se *pés.*

Ha doze especies de versos latinos : aqui tractaremos só das especies mais frequentemente empregadas, e que foram as de que nos servimos neste opusculo.

São ellas o *Hexametro, ou heroico*, que consta de seis *pés ;* e o *Pentametro*, *cesuratico, ou elegiaco*, que consta de cinco.

O *Pentametro* acompanha sempre o Hexametro formando com este um *disticho.*

Dos pés dos versos latinos

Os *pés* dos versos latinos podem ser de duas, tres, e quatro syllabas: ha só um de cinco syllabas.

Não tractaremos aqui, sinão dos mais usados, que são os de duas, e de tres syllabas; e que são tambem os que empregámos nos versos deste livro.

Os *pés* de duas syllabas mais frequentes são os *espondeos*, que constam de duas syllabas longas.

Os *pés* de tres syllabas mais usados são o *dactylo*, que tem a primeira longa, e a segunda e terceira breves; e o *anapesto*, inverso do *dactylo*, que tem a primeira e segunda breves, e a terceira longa.

Da medição dos versos latinos

Medir um verso é distribui-lo em tantas partes, quantos são os *pés*, de que elle deve constar.

Chama-se verso *acatalecto* ou *acatalectico* o que tem o numero completo e devido de syllabas: *catalectico* o que tem falta de uma syllaba; *Hypercatalectico* ou *hypermetro* o que tem syllabas de mais.

Denomina-se *cesura* (córte) a syllaba, e não as syllabas, que na medição dos versos fica no fim de uma palavra, depois de completo qualquer *pé*. Ha quatro especies de *cesuras: trihemimeris* a

cesura ou syllaba, que fica no fim de um palavra, depois de formado o primeiro *pé ; penthemimeris*, a *cesura* ou syllaba que fica no fim de uma palavra, depois de feito o segundo *pé; hephthemimeris* a *cesura* ou syllaba que fica no fim de uma palavra, depois de completo o terceiro *pé ; ennehemimeris*, a cesura que fica depois do quarto pé.

Todas estas cesuras se verificam no seguinte verso de Virgilio:

Ille la-	tus nive-	um mol-	li ful-	tus hya-	cinto
	1.ª	2.ª	3.ª	4.ª	

A mais frequente das *cesuras* é a *penthemimeris*.

A ultima syllaba de qualquer verso latino é commum, isto é, póde ser ou breve, ou longa.

Da medição do hexametro e do pentametro

O verso hexametro consta, como dissemos, de seis *pés*, que são *dactylos*, e *espondeos*. Os quatro primeiros podem ser indifferentemente *dactylos* ou *espondeos ;* o quinto é quasi sempre *dactylo*, e o sexto sempre *espondeo*.

Sil-ves	trem te-nu	i Mu	sam me-di-	ta-ris a-	ve-na
Esp.	*Dactylo*	*Esp.*	*Dactylo*	*Dactylo*	*Esp.*
Lu-de-re	quæ vel-	lem ca-la-	mo per-	mi-sit a-	gres-ti
Dactylo	*Esp.*	*Dactylo*	*Esp.*	*Dactylo*	*Esp.*

Quando o quinto *pé* não é *dactylo*, o que é raro, mas *espondeo*, o verso hexametro tem a denominação de *espondaico ;* exemplo :

Constit, atque oculis Phrygia agmina *circumspexit.*

O *pentametro,* que se chama tambem *cesuratico*, e *elegiaco*, consta de cinco *pés;* destes os dous primeiros podem ser indifferentemente *dactylos* ou *espondeos;* o terceiro sempre *espondeo;* o quarto e quinto sempre *anapestos*, exemplo:

Na-tu- *Espondeo*	ræ se-qui- *Dactylo*	tur se- *Esp.*	mi-na quis- *Anapesto*	que su-æ *Anapesto*
Car-mi-ni *Dactylo*	bus-vi- *Espondeo*	ves tem- *Esp.*	pus in om- *Anapesto*	ne me-is *Anapesto*

Mas o verso pentametro é mais propriamente dividido em dous *hemistichios* ou meio-versos; constando o primeiro *hemistichio* de dous *pés*, quer *dactylos*, quer *espondeos*, e uma *cesura;* o segundo *hemistichio* sempre de dous *dactylos* e uma *cesura*, exemplo:

Na-tu- *Espondeo*	ræ se-qui- *Dactylo*	tur *Ces.*	se-mi-na *Dactylo*	quis-que su *Dactylo*	æ *Ces.*
Car-mi-ni *Dactylo*	bus vi- *Esp.*	ves *Ces.*	tem pus in *Dactylo*	om-ne me- *Dactylo*	is *Ces.*

Das figuras na medição dos versos latinos

Na medição dos versos latinos podem realisar-se, e são frequentes as figuras seguintes: *Synalepha, Ecthlipsis, Dialepha*, ou *Hiáto, Syneresis, Dieresis, Systole* e *Diastole*.

A ultima syllaba de qualquer verso latino é commum.

Synalepha

Conticuere omnes, intentique ora tenebant.
Si jungi hospitio properat, sociusque vocari.

que se medem deste modo:

Conticu-	er'om-	nes in-	tenti-	qu'ora te-	nebant.
Si jun-	g'hospiti-	o prope-	rat soci-	usque vo-	cari.

Nas interjeições *o, oh, heu, ah, proh, væ, vah, hei,* quasi nunca tem lugar a *synalepha*, exemplo:

O pater, o hominum Divumque æterna protestas,

que se mede deste modo:

O pater, | o homi- | num Di- | vumqu'æ- | terna po- | testas.

Algumas vezes não se faz *Synalepha* (o que é raro succeder), e como pronunciando o verso sem a elisão das vogaes, abre-se mais a bocca, diz-se que ha *Hiato* (abertura da bocca) ou *Dialepha*, exemplo:

Credimus? an qui amant, ipsi sibi somnia fingunt.
Ter sunt conati imponere Pelio Ossam.

que se mede deste modo:

Credimus?	an qui a-	mant i-	psi sibi	somnia	fingunt
Ter sun-	cona-	ti im-	ponere	Pelio	Ossam.

As vogaes longas podem tornar-se breves, quando ha *Hiato*, o que se verifica nos dous exemplos acima apontados.

Ecthlipsis

O curas hominum! o quantum est in rebus inane!
Monstrum horrendum, informe, ingens, cui lumem ademptum

que se medem deste modo:

O cu	ras homi-	n'o quan-	t'est in	rebus in-	nane
Monstr'hor-	rend'in-	form'in-	gens, cui	lumen ad-	emptum.

Syneresis

Aurea percussum virga, versumque venenis
Vehemens et liquidus puroque simillimus amni.
Fluviorum rex Eridanus, camposque per omnes.

As palavras escriptas em lettra italica são as em que se faz a *Syneresis*, que é a contracção de duas vogaes em uma só syllaba. A esta figura póde-se referir a mudança das letras *i* por *j*, e de *u* por *v*, como nas palavras *genua*, *tenuis*, *abiete*, dos seguintes versos:

Propterea quia corpus aquæ naturaque *tenvis*.
Genva labant, gelido concrevit frigore sanguis.
Ædificant, sectâque intexunt *abjete* costas.

Dieresis

Aulai in medio libabant pocula Bacchi.
Stamina non ulli *dissoluenda* Deo.

As palavras escriptas em lettra italica são as em que se faz a *Dieresis*, que é a resolução de uma syllaba em duas; e por isso lê-se *aulai* em vez de *aulæ; dissoluenda* em vez de *dissolvenda*.

Systole

Matri longa decem *tulerunt* fastidia menses.

Neste verso diz-se breve *tulerunt* em vez de *tulérunt*, pela figura *Systole*.

Diastole

Consídant, si tantus *amor*, et mœnia condant.

Neste verso a syllaba final de *amor* que é breve, torna-se longa pela figura *Diastole*.

Apenas transcrevemos para aqui o que era necessario á medição dos versos contidos neste volume.

CARTA PROEMIAL

Ill.mo Sr. Dr. Antonio de Castro Lopes

Chega ás minhas mãos a obsequiosa carta, por V. S.ª datada aos 2 do corrente, acompanhada de um precioso mimo, pois tal considero o exemplar da *Musa Latina,* valiosa producção da sua distincta e incançavel penna. Com satisfação o recebeo, não quem para juiz carece de competencia, mas quem, confundido na turba dos eguaes, apenas se reconhece com jus ao gráu de admirador.

Nos nossos tempos, e com as propensões da actual sociedade, homens como V. S.ª são raros. Denomina-se V. S.ª a si mesmo *confitentem reum.* Que formosa posição de *réo!* Acceito a locução, mas na ordem de idéas que outr'ora qualificava instrumento de ignominia o que hoje reverenciâmos como emblema de redempção.

Não póde, com effeito, queixar-se a sua Vesta de que V. S.ª lhe deixe apagar o sacro fogo. Cultor tão illustrado, como infatigavel das boas lettras, revela V. S.ª a pureza do seo gosto, applicando-se com amor á formosa lingua mãe da nossa, áquella

fonte de Juvença, em que todas as litteraturas decadentes vão, para rejuvenescerem, banhar-se.

Quantas vezes não terá V. S.ª, do alto da sua cadeira de Mestre, tacita e tristemente deplorado a hodierna tendencia, que ahi vai impellindo a ludibriar e derruir quanto os seculos como mais venerando e inabalavel haviam consagrado! Alvaneis de obra tosca, demolidores que nada edificam, Tarquinios de papoulas degolando as superioridades, — vão, uma após outra, desmoronando todas as aristocracias, para sobre suas ruinas exalçarem só uma. *Delenda Carthago*! Oh vós, aristocracias de virtudes, de talentos, de sangue, de serviços, etc., ápage! arredai-vos, para franquear espaço..... á aristocracia da burra!

Ora, parece que entre essas aristocracias abominaveis, figura tambem á do latim; e que si elles podessem, pendural'o-hiam *à la lanterne*, em sua qualidade de *aristo*. Como aquell'outros analphabetos populares de Athenas, que desterravam Aristides, a quem não conheciam, mas a quem estavam fartos de ouvir chamar *Justo*, os nossos egualmente facundos Cecropidas proscrevem o latim (*vulpes ad uvam*), fartos de o ouvirem caracterisar como idioma por excellencia; thesouro de inapreciaveis riquezas; repositorio da velha sabedoria humana; manancial em todos os conhecimentos inexhaurivel; pai e unico bom guia da lingua, em que escrevemos como de

todas as neo-latinas; dizer cosmopolita com quem se intendem os sabios das diversas regiões; companheiro do fidalgo grego no geral vocabulario technico; modelo de concisão nas ellipses, nos termos compostos, nos diminutivos, na ausencia de cunhas articulares; rico de inversões e de harmonias imitativas; e de uma grammatica muito mais proxima da philosophica do que a das dez linguas que ha dous mil annos barafustam por lhe approveitar a guarda-roupa baldadamente...... baldadamente, porque a toga roçagante e a tunica palmata assentariam mal sobre os nossos colletes e casaquinhas.

Atravessamos, meo respeitavel Snr., uma das crises que é sina vermos periodicamente reproduzirem-se nas febres intermittentes da nossa litteraria intelligencia. Falavam nossos mais remotos avós..... não sei que idioma; lá veio um dia em que se organizou o portuguez; mas sobre a principal base do latim, embora corruptò ou barbaro. — Alguns seculos depois, os Sás de Miranda, os Ferreiras, e mais astros d'aquella formosa pleiada, puzeram hombres ao aperfeiçoamento do portuguez; e a quem pediram os materiaes para a projectada reconstrucção? Ao seculo de ouro da latinidade.— Não fôra dado a tão sabios, mas tão poucos operarios, reformar uma lingua, a qual já hia novamente resvallando em declive: então surgiram os Camões e varios dos seos contemporaneos, posto que em menos lumi-

nosa escala, e nessas pennas revestio o portuguez frescas e esplendidas galas; mas d'onde extrahidas? mais outra vez do *aurum vicesimarium* do sancto erario romano.—

Com o instantaneo eclipse da honrada autonomia inoculou-nos a Hispanha seos gongorismos, conceitos e affectações; mas repellidos os intrusos, começaram para logo os esforços individuaes e sociaes retemperando o idioma: as *Conferencias dos Scientes*, a *Academia de Historia*, as *Arcadias*, a *Academia Real das Sciencias*, todas as corporações litterarias, como todos os escriptores, tomavam a litteratura grega e por sobre todas a latina, como poncto de partida da nova era. —

Hoje em dia, a despeito de strenuos desvellos de modernos mestres da penna, nova crise nos acommette, e ahi vamos fatalmente decahindo para a phrase chilra do agente, verbo e paciente, para a desinencia portugueza grudada ao termo trans-pyrenaico: é o accesso da intermittente; bem haja V. S.ª, não menos medico de almas que de corpos, que lhe applica o quinino, pela pharmacopéa litteraria cognominado *Musa Latina*.

Venhamos porém já ao seo livro.

Geralmente falando, parecem-me os seos versos bem vasados no cadinho da boa escola: hexametros não raro majestosos, pentametros de certo sabor ovidiano.

Tenho para mim, que ás grandes difficuldades, com que V. S.ª se propunha arcar, quiz intencionalmente jungir o da escolha dos originaes que verteo, os quaes, por motivos em parte similhantes, em parte oppostos, lhe desafiavam muito mais arduo trabalho, com prospecto de menos gloriosa recompensa do que si fossem totalmente suas as obras, ou diversos os originaes. E pois que é esta uma pratica a sós entre nós ambos, permitta-me explicar a meo modo este asserto.

Em meo juizo, aliás incompetentissimo, é Thomaz Antonio Gonzaga, na fama litteraria de que se goza, muito mais feliz do que esse desditoso, na vida e na morte, em sua pessôa o fôra. Reputações ha ahi com fóros de arca sancta, em que é defeso tocar : após um primeiro admirador, vai-lhe tacitamente endossando aquelle enleio e pasmo, e transitada na chancellaria da convenção, passa a sentença em julgado ; e *res judicata pro veritate habetur.*

Não ha duvida de que as muitas edições de *Marilia de Dircêo* manifestam popularidade da obra ; mas para juiz dos quilates de V. S.ª, não é essa a questão, e sim : merece o livro o credito que tem ? É Gonzaga poeta de inspiração, de originalidade, de merito superior ? *adhuc sub judice lis est.*

Si V. S.ª, traductor, não houvesse timbrado em parecer mais original do que o Ouvidor da Villa Rica, facil lhe teria sido na sua *Musa Latina* res-

tituir a Horacio, Tibullo, Gallo, Propercio, Catullo, e quiçá a alguma versão latina de Anacreonte ou Theocrito, tantos pensamentos, phrases, versos inteiros, que afinal no magro voluminho pouco deixaria de clara propriedade do auctor, si houvermos de exceptuar uma duzia de lyras, e essas mesmas menos admiraveis pelo que dizem, que pelo modo mimoso como o dizem.

E que são as odes de Gonzaga? Aspiram a classificar-se em parte entre o genero bucclico, em parte entre o quasi — pindarico, em parte entre o erotico, em parte entre a subdivisão d'este em Anacreontico.... mas desconfio que afinal,

Desinit in piscem mulier formosa superne.

Affigura-se-me que, si é certo que *habent sua fata libelli*, a fortuna d'este opusculo é essencialmente devida a uma versificação não impeccavel, mas fluente e muitas vezes harmoniosa, e a certa escolha de rimas; o que tudo esconde mysterio de popularidade, e me persuade ser esta obra mais para os ouvidos que para a cabeça.

Em todas as linguas ha muito d'isto; e creio que o padrão por onde em taes casos se aferem essas producções, é a traducção, quando feita por penna capaz: ahi esvaem-se aquelles meritos da exclusiva fórma, para só fulgurarem os exclusivos da substancia; poesia que naquellas condições de versão fica pallida, e sem ostentar belleza alguma de ordem superior, está julgada pelo que toca ao

pensamento. Não conheço as citadas traducções hispanhola, ingleza nem alleman; porém nas franceza e italiana de Monglave e Vegezzi Ruscalla tão pobre apparece o mesquinho cantor da *Marilia*, que pouco tem que agradecer a seos interpretes; os quaes me parece haverem com as suas versões corroborado a these que entrevejo, de que — nem sempre podem honradamente sustentar a categoria de poetas polyglottas os poetas de campanario.

Repito, por tanto, que houve da parte de V. S.ª, si me não engano, consciencia grande de sua força no eleger aquelle texto; e em effeito não raros são os versos mais valiosos na sua versão que no original. Na mui citada e applaudida primeira lyra, produz agradavel effeito em latim, após cada estancia de quatro hexametros, aquella repetição do verso

Me fortunatum! tribuunt cui talia Divi!

Recorda o delicado estribilho da 8.ª egloga, pharmaceutria, em que o Mantuano faz repetir constantemente a Alphesibeo:

Ducite ab urbe domum, mea carmina, ducite Daphnim!

Por considerações diversas, se me affigura Camões intraductivel em qualquer lingua, e ainda mais nos seos episodios famosos, que elle sem duvida aprimorou, revocando-os dez vezes *ad unguem*; assim succedeo com este da Ignez de Castro. Conta o principe do nosso Parnaso entre os seos grandes meritos o de completar frequentemente a idéa, sem

toda a enunciar, mas com o emprego dos vocabulos, e da contextura das locuções; em centenares de passos dos Luziadas, só na nossa lingua é dado respirar a peito cheio bellezas do nosso épico, nas quaes o modo como se exprimio, intransplantavel, vale e significa mais do que aquillo que exprimio: taes bellezas precisam ficar no original; *sint ut sunt, aut non sint;* muitas vezes quem se abalançar a arrancal-as ao seo torrão nativo, arrisca-se a..... a *pravo vivere naso*, embora os olhos sejam raios e o cabello ébano, como diz o Mestre. Poesia de tal indole fica sempre peor tornada no terreno alheio.

Nem me supponho contradictorio na qualificação diversa de processos litterarios apparentemente similhantes em Gonzaga e Camões: — em Camões a fórma realçava o pensamento, em Gonzaga substituia-o; — nos trechos originaes, Camões pelo seo processo dourava a prata, Gonzaga estanhava o cobre.

Na sua tentativa Camoniana, dispoz-se V. S.ª a traduzir o traductivel, e não a fazer um milagre; caminhou por tanto até onde poderia a sua justa ambição querer leval-o.

Não sou dos maiores enthusiastas dos versos que se leem indistinctamente em latim, e em portuguez. Dil-o-hei á puridade: ainda os não vi que merecessem os fóros de portuguez, nem de latim. Foi outr'ora divertimento de eruditos darem-se a

esta gymnastica linguistica, gerando como fructo de suas lucubrações o famoso

Canto tuas palmas, famosos canto triumphos!
Ursula, divinos, martyr, concede favores!

e outros similhantes arrojos de egual consequencia. Eu daria a estas utilissimas *difficuldades vencidas* a importancia, que merecem os romances em cinco capitulos, carecentes cada um de uma vogal, sinão fosse a patriotica justificação com que V. S.ª acode ao seo hymno á Aurora, isto é, o intuito de mostrar a intima consanguinidade da lingua portugueza com a latina. Das poesias deutoglottas d'este genero, cumpre-me porém confessar, parecer-me este seo hymno a mais acceitavel.

São graciosissima e verdadeira chave de ouro ao livro os Centões, em que V. S.ª, com prodigiosa felicidade, descreve a jornada em ferro-via. Já houve audacioso que considerou a litteratura latina como uma sequencia de centões da grega! Mas não deixa de ser curioso haver sempre este arduo brinquedo sido applicado por pennas superiores a assumptos antipodas d'aquelles, que haviam originado as phrases. Os Centões Nupciaes de Ausonio (manta de retalhos fabricados de diaphana seda de Séres) são das mais galantes e atrevidas cousas que nos legou a antiguidade. A vida de Jesus Christo, nascido depois da morte de Virgilio, e todavia organisada com versos d'este por Proba Falconia;

a biographia de Camões, escripta com o seo proprio metro por Faria e Souza; a Victoria de D. Sancho Manoel, Conde de Villa Flôr, sobre D. João d'Austria, filho de Philippe IV, de Castella, exaltada n'um soneto em que todos os versos são de varios logares de Camões, o qual já desde quasi um seculo d'esse acontecimento tinha baixado á campa; são todos esses centões honrosos precedentes que V. S.ª sobredoura com a sua descripção d'um passeio em caminho de ferro.... feita por Virgilio, Horacio, Ovidio, Lucrecio, Stacio e Silio, que nunca fizeram jornada, sinão nos seos plaustros, carpentos, covinos, plostellos, essedas, currus, quadrigas e carrucas.

Abusei por varias fórmas da sua bondade, — roubando-lhe um tempo que tão utilmente sabe empregar; — e tomando liberdades de que eu me retrahiria, si o elevado conceito que V. S.ª me merece permittisse inspirar-me o temor de que uma só palavra me houvesse de ser tomada como desrespeitosa para com V. S.ª, de quem sou com a mais subida consideração

Admirador e collega obrigado
José Feliciano de Castilho Barreto e Noronha

Rio de Janeiro, e rua do Conde n.º 13.

8 de Maio de 1868.

AMARYLLIDOS DIRCÆI

ALIQUOT LYRICA SELECTA

PARS PRIMA.

ALGUMAS LYRAS ESCOLHIDAS

DE

MARILIA DE DIRCÊO

PARTE PRIMEIRA

I

Rusticus, o Amaryllis, ego non, sole, geluque
Torridus, alterius qui servem armenta, bubulcus :
Fert oleum, fructus, fundus mihi, vina, legumen ;
Lacte ovium vescor, tegit et me lana mearum :
Me fortunatum ! tribuunt cui talia Divi !

Vultum, nec rugis fractum, modo fonte revisi,
Atque meum silvis baculum venerantur agrestes.
Invidet Alcestes mihi, cúm sambuca movetur,
Huic socians vocem mea solum carmina ludo.
Me fortunatum ! tribuunt cui talia Divi !

LYRA I

Eu, Marilia, não sou algum vaqueiro ;
Que viva de guardar alheio gado ;
De tosco trato, d'expressões grosseiro,
Dos frios gêlos, e dos sóes queimado.
Tenho proprio casal, e nelle assisto :
Dá-me vinho, legume, fructa, azeite ;
Das brancas ovelhinhas tiro o leite,
E mais as finas lãs, de que me visto.
Graças, Marilia bella,
Graças á minha Estrella !

Eu vi o meo semblante n'uma fonte,
Dos annos inda não está cortado :
Os Pastores, que habitam este monte,
Respeitam o poder do meo cajado :
Com tal dextreza toco a sanfoninha,
Que inveja até me tem o proprio Alceste :
Ao som della concerto a voz celeste :
Nem canto lettra que não seja minha.
Graças, Marilia bella,
Graças á minha Estrella !

Rem quamvis magnam magni nunc æstimo tantúm,
Has Amaryllis opes, postquam dominumque gubernat;
Expedit armentum stabulis numerare refertis;
Armento potior regnoque Amaryllidis ardor.
Me fortunatum! tribuunt cui talia Divi!

Nequaquam Phœbi lumen tua lumina vincit,
Candida mixta rosis simul induit ora papaver;
Aurea cæsaries tibi, balsama corpus inhalat;
Nilque, decus Veneris, pretiosius extitit unquam.
Me fortunatum! tribuunt cui talia Divi!

Etsi flumen agros segetem mihi tollat inundans,
Cunctos absumat contagio sæva juvencos,
Hæc patiar tamen haud auri cæcatus amore:
Aspice me, ride; hoc satis est mihi vita beata.
Me fortunatum! tribuunt cui talia Divi!

Mas tendo tantos dotes da ventura,
Só apreço lhes dou, gentil Pastora,
Depois que o teo affecto me segura,
Que queres do que tenho ser senhora.
É bom, minha Marilia, é bom ser dono
De um rebanho, que cubra monte, e prado;
Porém, gentil Pastora, o teo agrado
Vale mais q'um rebanho, e mais q'um throno.
Graças, Marilia bella,
Graças á minha Estrella!

Os teos olhos espalham luz divina,
A quem a luz do Sol em vão se atreve:
Papoula, ou rosa delicada, e fina,
Te cobre as faces, que são côr da neve.
Os teos cabellos são uns fios d'ouro;
Teo lindo corpo balsamos vapóra,
Ah! não, não fez o Céo, gentil Pastora,
Para gloria de Amor igual thesouro.
Graças, Marilia bella,
Graças á minha Estrella!

Leve-me a sementeira muito embora,
O rio sobre os campos levantado:
Acabe, acabe a peste matadora,
Sem deixar huma rez, o nedio gado.
Já destes bens, Marilia, não preciso:
Nem me cega a paixão, que o mundo arrasta;
Para viver feliz, Marilia, basta
Que os olhos movas, e me dês um riso.
Graças, Marilia bella,
Graças á minha Estrella!

Incedes et rure, meo suffulta lacerto,
Vespere jucundam gremio captabo quietem :
Dum juvenes luctantur agris, cursuque lacessunt,
Te comam sertis, insculpam et cortice laudes.
Me fortunatum ! tribuunt cui talia Divi !

Nos postquam fatum rapiat, quacumque moremur,
Tunc eadem corpus tellus consumet utrumque,
Atque legent tumulo cincto hæc insculpta cupressis
Pastores : « Fausté cupiat si quisquis amari,
« Normam sectetur positam, hos imitetur amores. »
Me fortunatum ! tribuunt cui talia Divi !

Irás a divertir-te na floresta,
Sustentada, Marilia, no meo braço ;
Alli descansarei a quente sésta,
Dormindo um leve somno em teo regaço :
Emquanto a lucta jogam os Pastores,
E emparelhados correm nas campinas,
Toucarei teos cabellos de boninas,
Nos troncos gravarei os teos louvores.
Graças Marilia bella,
Graças á minha Estrella !

Depois que nos ferir a mão da Morte,
Ou seja neste monte, ou n'outra serra,
Nossos corpos terão, terão a sorte
De consumir os dous a mesma terra.
Na campa, rodeada de cyprestes,
Lerão estas palavras os Pastores :
« Quem quizer ser feliz nos seos amores,
« Siga os exemplos, que nos derão estes. »
Graças, Marilia bella,
Graça á minha Estrella !

II

Velatis pingunt oculis, pharetrâque poetæ
Vestibus exutum puerum; huic arcusque, sagittæ;
Circa humeros alæ; cui nomen Amorque, Cupido.
Ast, Amaryllis, ego, ut pingunt, hunc esse negabo:
Non humeris alas, pharetram, nullamve sagittam
Gestat; nec puer aut cæcus. Tibi vera patebit
Effigies; mihi nam læso sat cognitus ille.
Promissi, haud flavi, nigrant per colla capilli,
Phæbei plusquam formosi; horumque colores
Pulchre miscentur vultûs candore micanti.

LYRA II

Pintam, Marilia, os Poetas
A um menino vendado,
Com uma aljava de settas,
Arco empunhado na mão;
Ligeiras azas nos hombros,
O tenro corpo despido,
E de Amor, ou de Cupido
São os nomes, que lhe dão.

Porém eu, Marilia, nego,
Que assim seja Amor; pois elle
Nem é moço, nem é cego,
Nem settas, nem azas tem.
Ora pois, eu vou formar-lhe
Um retrato mais perfeito,
Que elle já ferio meo peito,
Por isso o conheço bem.

Os seos compridos cabellos,
Que sobre as costas ondeam,
São que os de Apollo mais bellos;
Mas de loura côr não são.
Tem a côr da negra noite;
E com o branco do rosto
Fazem, Marilia, um composto
Da mais formosa união.

Curva supercilia; ei frons est convexa, polita;
Dulciloquus, caste aspiciens; ei lumina soles;
Et superat cælum, bini nam fronte refulgent.
Purpureis commixta rosis sunt lilia vultu;
Ex ebore et dentes, carbunculus inque labellis.
Hunc simul ac vidi, gemitum de pectore promo:
Me sentit læsum; solùm aversumque tuetur,
Cumque aspectari credat, demittit ocellos.
Ecce die quadam formosum hunc ipse vocavi;
Ut spernens laudes, subridet, nullaque fecit
Verba mihi: ostendo rursus tum pectoris æstus;
Responsum nullum; tacet; at suspiria mittit.

Tem redonda, e liza a testa,
Arqueadas sobrancelhas;
A voz meiga, a vista honesta,
E seos olhos são uns sóes.
Aqui vence Amor ao Céo,
Que no dia luminoso
O Céo tem um Sol formoso,
E o travesso Amor tem dois.

Na sua face mimosa,
Marilia, estão misturadas
Purpureas folhas de rosa,
Brancas folhas de jasmim.
Dos rubins mais preciosos
Os seos beiços são formados;
Os seos dentes delicados
São pedaços de marfim.

Mal vi seo rosto perfeito,
Dei logo um suspiro, e elle
Conheceo haver-me feito
Estrago no coração.
Punha em mim os olhos, quando
Entendia eu não olhava;
Vendo que o via, baixava
A modestia vista ao chão.

Chamei-lhe um dia, formoso;
Elle, ouvindo os seos louvores,
Com um gesto desdenhoso
Se sorrio, e não falou.
Pintei-lhe outra vez o estado,
Em que estava esta alma posta;
Não me deo tambem resposta,
Constrangeo-se, e suspirou.

Hoc auget mihi spem, reddit cordique levamen ;
Illius * et digitos capio, illis oscula quærens
Delibare; rubensque manum mox ille retraxit.
Hanc nunc effigiem cernens, Amaryllis, Amoris,
Forsitan esse tuî effigiem tecum ipsa volutes:
Est vere illa tuî; fictus, nullusque Cupido;
Ora Cupido tua; hæc victum me sola coercent.

---

* Pronuncia-se a segunda syllaba breve pela figura *Systole*.

Conheço os signaes, e logo
Animado da esperança,
Busco dar um desafogo
Ao cançado coração.
Pégo em seos dedos nevados,
E querendo dar-lhe um beijo,
Cobrio-se todo de pejo,
E fugio-me com a mão.

Tu, Marilia, agora vendo
De Amor o lindo retrato,
Comtigo estarás dizendo,
Que é este o retrato teo.
Sim, Marilia, a copia é tua,
Que Cupido é Deos supposto:
Si ha Cupido, é só teo rosto,
Que elle foi quem me venceo.

V

Quàm varium ingenium! quàm magna potentia fati!
Hic scindit pinu freta, thoracem ille resumit,
Agmine et in primo turres murosque revellit.
Thesauros frustra nato defendit avarus,
Clausus dum pendit laminas: aleator in una
Nocte jacit legatum; avidus cupit helluo mensam
Profusam; et gemit Alcestes modulamine versûm.
Computat a terris Galilæus quàm procul astra
Distent.

LYRA V

Oh! quanto póde em nós a vária Estrella,
Que diversos que são os genios nossos!
Qual sólta a branca vela,
E affronta sobre o pinho os mares grossos;
Qual cinge com a malha o peito duro,
E marchando na frente das cohortes,
Faz a torre voar, cahir o muro.

O sordido avarento em vão defende
Que possa o filho entrar no seo thesouro:
Aqui fechado estende
Sobre a taboa, que vérga, as barras d'ouro.
Sacode o jogador do cópo os dados:
E n'uma noite só, que ao somno rouba,
Perde o resto dos bens, do pai herdados.

O que da voraz gula o vicio adora,
Da lauta mesa os seos prazeres fia.
E o terno Alceste chora
Ao som dos versos, a que o genio o guia.
O sabio Galileo toma o compasso,
E sem voar ao Céo, calcula, e mede
Das Estrellas, e Sol o immenso espaço.

...;........Dum verò varie sua quemque voluptas
Cogit, me tua contentum juvat ora notare.
Solne gyros, an terra patret, nec noscere curans
Mentem sic etiam Jovis, imperiumque fatebor.
Crines et miror, mirorque, Amaryllis, in ore
Lilia mixta rosis, dentes, et miror ocellos.
Qui potuit te adeo pulchram formare puellam,
Is poterit cælum, ac si sit plus, plura creare.

Emquanto pois, Marilia, a vária gente
Se deixa conduzir do proprio gosto,
Passo as horas contente
Notando as graças do teo lindo rosto.
Sem cansar-me a saber si o Sol se move,
Ou si a terra voltêa, assim conheço
Aonde chega o poder do grande Jove.

Noto, gentil Marilia, os teos cabellos;
E noto as faces de jasmim, e rosas;
Noto os teos olhos bellos,
Os brancos dentes e as feições mimosas;
Quem fez uma obra tão perfeita, e linda,
Minha bella Marilia, tambem póde
Fazer os Céos, e mais, si ha mais ainda,

XIII

Omnia cedunt: nil nobis, Amaryllis, in orbe
Tutum: succedunt alternè adversa secundis:
Diris ipsa Deûm fatis subjecta voluntas:
Jam pecoris custos, cælo jam fugit Apollo.
Quod nobis carum, tandem mors tollit iniqua;
Nec variam tumulo fas est eludere sortem.
Mortuus hic manet in busto requietus avito:
Mortuus hic campo jacet, ossaque vellit aratrum.
Iratam in nos dum facien non fata retorquent,
Hoc celeris vitæ spatium faciamus amœnum.
Amittit gratum timidus qui tempus amandi
Propria prædari bona, seque ferire videtur.
Floribus ornemus frontes;

LYRA XIII

Minha bella Marilia, tudo passa;
A sorte deste mundo é mal segura:
Si vem depois dos males a ventura,
Vem depois dos prazeres a desgraça.

Estão os mesmos Deoses
Sujeitos ao poder do impio Fado:
Apollo já fugio do Céo brilhante,
Já foi Pastor de gado.
A devorante mão da negra Morte
Acaba de roubar o bem que temos;
Até na triste campa não podemos
Zombar do braço da inconstante sorte.
Qual fica no sepulchro,
Que seos avós ergueram, descançado;
Qual no campo, e lhe arranca os frios ossos
Ferro de torto arado.

Ah! emquanto os Destinos impiedosos
Não voltam contra nós a face irada,
Façamos, sim, façamos, doce amada,
Os nossos breves dias mais ditosos.
Um coração, que frouxo
A grata posse de seo bem differe,
A si, Marilia, a si proprio rouba,
E a si proprio fere.
Ornemos nossas testas com as flôres,

....fœnoque cubile
Sternamus molli, amplexuque fruamur amoris.
Velox (nec retinere licet) perlabitur ætas,
Occidit et nobis ætas, quæ volvitur, æquè.
Tempore fit corpus languens, annisque voluptas;
Agnus dum senior dormit, lascivit in herba
Agnellus; venerem sola est sortita juventa;
Adveniunt longâ rugæ canique senectâ.
Quid sperare velis? florens an transeat ætas?
Tardus amor gelidus: nostrum mutabile sidus;
Nos tempus decerpere jam jam, Amaryllis, oportet,
Corpore dum vires, dum restat in ore venustas.

E façamos de feno um brando leito,
Prendamo-nos, Marilia, em laço estreito,
Gozemos do prazer de sãos amores.
Sobre as nossas cabeças,
Sem que o possam deter, o tempo corre;
E para nós o tempo, que se passa,
Tambem, Marilia, morre.

Com os annos, Marilia, o gosto falta,
E se entorpece o corpo já cançado;
Triste o velho cordeiro está deitado,
E o leve filho sempre alegre salta.
A mesma formosura
É dote, que só goza a mocidade:
Rugam-se as faces, o cabello alveja,
Mal chega a longa idade.

Que havemos d'esperar, Marilia bella?
Que vão passando os florescentes dias?
As glorias, que vêm tarde, já vêm frias;
E póde emfim mudar-se a nossa estrella.
Ah! não, minha Marilia,
Aproveite-se o tempo, antes que faça
O estrago de roubar ao corpo as forças,
E ao semblante a graça.

XXII

Se quamvis alia ac tu vecta rotante quadriga
Fœmina per vicos ostentet ; serica quamvis,
Auratum et speculum muros aulæ intus adornent ;
Lychnus, et aulæum pictis laquearibus amplum
Pendeat ; haud celeres currus, Amaryllis, habebis,
Nec permagna palatia ; sed, qui captus amore
Te laudet, vatem. Pulchros non respicit ætas
Vultus ; dejicit et mortis quoque dira securis
Vastas Augustorum ædes, humilesque tabernas.
Formosæ, oblitæ nunc, quot nituere puellæ !
Carmine fit nomen solùm Historiâque perenne.

LYRA XXII

Muito embora, Marilia, muito embora,
Outra belleza, que não seja a tua,
Com a vermelha roda, a seis puxada
Faça tremer a rua.

As paredes da sala, aonde habita,
Adorne a seda, e o tremó dourado:
Pendam largas cortinas, penda o lustre
Do tecto apainelado.

Tu não habitarás palacios grandes,
Nem andarás nos coches voadores;
Porém terás um vate, que te preze,
Que cante os teos louvores.

O tempo não respeita a formosura;
E da pallida morte a mão tyranna
Arrasa os edificios dos Augustos,
E arrasa a vil choupana.

Que bellezas, Marilia, florescêram,
De quem nem se quer temos a memoria!
Só podem conservar um nome eterno
Os versos, ou a historia.

5

Ni foret egregius Tassus, dulcisque Petrarca,

Lauram, et Chlorida (pulchræ etsi) nec nosceret orbis.

Est potius sapienti posteritate notari

Thesauros quam, currum et equos, Amaryllis, habere:

Frivola sunt ea; labuntur, labentibus annis.

Si não houvesse Tasso, nem Petrarca,
Por mais que qualquer dellas fosse linda,
Já não sabia o mundo, si existiram
Nem Laura, nem Clorinda.

É melhor, minha bella, ser lembrada
Por quantos hão de vir sabios humanos,
Que ter urcos, ter coches, e thesouros,
Que morrem com os annos.

XXIV

Et maria, et terras, insulsa et flumina, et æthram
Disparium genere Omnipotens quocumque ferarum
Jupiter implevit, cunctis et tradidit arma,
Cuique decentia. Veloces sortita volucris
Alas; et pisces pinnas, virusque colubræ.
Dens et apris, elephantibus est concessa proboscis,
Ungula dira leonibus, et velocior auris
Pes cervo, valido irrumpentia cornua tauro.
Sed longe meliora homini istis præbuit arma,
Ingenii arma; manusque dedit, quibus utile ferrum,
Lignaque fiant; et casses, et fulmina jactet
Exceptura feris gressus, avibusque volatum.

LYRA XXIV

Encheo, minha Marilia, o grande Jove
De immensos animaes de toda a especie
As terras, mais os ares;
O grande espaço dos salobros rios,
Dos negros, fundos mares.
Para sua defeza,
A todos deo as armas, que convinha
A sabia Natureza.

Deo as azas aos passaros ligeiros,
Deo ao peixe escamoso as barbatanas;
Deo veneno á serpente,
Ao membrudo elefante a enorme tromba,
E ao javali o dente:
Coube ao leão a garra;
Com leve pé saltando o cervo foge;
E o bravo touro marra.

Ao homem deo as armas do discurso,
Que valem muito mais que as outras armas;
Deo-lhe dedos ligeiros;
Que podem converter em seo serviço
Os ferros, e os madeiros;
Que tecem fortes laços,
E forjam raios, com que aos brutos cortam
Os vôos, mais os passos.

Roboris at gemini timidis diversa puellis
Arma dedit natura, simul cum mente lepores.
Ipso sola potest cœlo certare venustas,
In flammas glaciem, in glaciem convertere flammas,
Destrictum et Coriolani deponere ferrum.
Argolicas facies Helenæ speciosa cohortes
Instruit, et Romæ reges Lucretia sternit.
Ipsum formosus mulcet, si vultus Achillem,
Atque potest socios inter generare severus
Dissidium; pacem, bellumque, Amaryllis, acerbum,
Terrarum regina, vales imponere mundo.

Ás timidas donzellas pertencêram
Outras armas, que tem dobrada força;
Deo-lhes a Natureza
Além do entendimento, além das graças
As armas da belleza,
Só ella ao Céo se atreve:
Só ella mudar póde o gelo em fogo,
Mudar o fogo em neve.

Eu vejo, eu vejo ser a formosura,
Quem arrancou da mão de Coriolano
A cortadora espada;
Vejo que foi de Helena o lindo rosto,
Quem pôz em campo armada
Toda a força da Grecia;
E quem tirou o Sceptro aos Reis de Roma,
Só foi, só foi Lucrecia.

Si podem lindos rostos, mal suspiram,
O braço desarmar do mesmo Achilles;
Si estes rostos irados
Podem soprar o fogo da discordia
Em povos alliados;
És arbitra da terra:
Tu pódes dar, Marilia, a todo o mundo
A paz, e a dura guerra.

XXVI

Non silicem fluviis extractum aurive metallis
Ditem a captivis centum terramque videbis;
Æthiopem quoque non sabulonem vannere cernes,
Fulvaque granula non imâ splendere camellâ;
Nec silvam everti, nullumque novale cremari,
Non cinerem esse fimum, nec tradere semina sulcis,
Passaque olentis non folia intorquere *Tabaci*, *
Dentatisque rotis cannæ depromere succum;
Litis at implicitæ permagna volumina mensa,
Visere me libros, et jurgia solvere cernes.

---

* *Tabaco, fumo,* planta originaria do Mexico, e que os Hespanhoes acharam cultivada perto de Tabago, d'onde lhe vem o nome. Vêde *Cathecismo de Agricultura do Dr. Castro Lopes,* pag. 33.

LYRA XXVI

Tu não verás, Marilia, cem captivos
Tirarem o cascalho, e a rica terra,
Ou dos cercos dos rios caudalosos,
Ou da minada serra.

Não verás separar ao habil negro
Do pesado esmeril a gossa areia,
E já brilharem os granetes de ouro
No fundo da batêa.

Não verás derrubar os virgens matos;
Queimar as capoeiras ainda novas;
Servir de adubo á terra a fertil cinza;
Lançar os grãos nas covas.

Não verás enrolar negros pacotes
Das seccas folhas do cheiroso fumo;
Nem espremer entre as dentadas rodas
Da doce canna o sumo.

Verás em cima da espaçosa mesa
Altos volumes de enredados feitos;
Ver-me-has folhear os grandes livros,
E decidir os pleitos.

Cum versem consultos, me comitabere læta,
Tum versusque leges, facta Historiæque magistræ;
Cùmque tuî effigiem clarâ te voce legentem
Accipiam, relegam litem jam sæpe relectam
Gaudens. Virginis ullius sin videris illis
Carminibus laudes, huic non, Amaryllis, honori
Invideas, mihi namque extrema fereris ad æva.

Emquanto revolver os meos consultos,
Tu me farás gostosa companhia,
Lendo os factos da sábia mestra historia,
E os cantos da poesia.

Lerás em alta voz a imagem bella:
Eu vendo que lhe dás o justo apreço,
Gostoso tornarei a ler de novo
O cansado processo.

Si encontrares louvada uma belleza,
Marilia, não lhe invejes a ventura,
Que tens quem leve á mais remota idade
A tua formosura.

XXVIII

Omnia ceu flumen brumâ quod rumpit inundans,
Talis Alexander fortissima vincit et urit
Oppida; sed moritur primævo flore juventæ
Armis egregius, totum et jam vicerat orbem.
Strenuus ast miles, quem nulla potentia pressit,
Is solum pirata fuit, prædoque beatus;
Nec famam inveniat terris, nec nobile nomen,
Audax ni fortuna illi delicta secundet.
Inclytus et quamvis Cæsar patriam ipse fefellit;
Ense premit jugulum Romæ, imponitque tyrannos;
Heros fit scelere; ast victor ni forte fuisset,
Proditor et vilis, patriâ profugusque periret.

LYRA XXVIII

Alexandre, Marilia, qual o rio,
Que engrossando no inverno tudo arraza;
Na frente das cohortes
Cerca, vence, e abraza
As Cidades mais fortes.
Foi na gloria das armas o primeiro;
Morreo na flor dos annos, e já tinha
Vencido o mundo inteiro.

Mas este bom soldado, cujo nome
Não ha poder algum, que não abata;
Foi, Marilia, sómente
Um ditoso Pirata,
Um salteador valente.
Si não tem uma fama baixa, e escura,
Foi por se pôr ao lado da injustiça
A insolente ventura.

O grande Cesar, cujo nome vôa,
A sua mesma Patria a fé quebranta;
Na mão a espada toma,
Opprime-lhe a garganta,
Dá Senhores a Roma.
Consegue ser heróe por um delicto:
Si acaso não vencesse, então seria
Um vil traidor proscripto.

Urbes qui solum exurit nec dicitur heros,
Nam quivis vastat terras, funditque cruorem
Rex sævus; vitam verò qui transigit æquam;
Magnus et esse potest Augustus, pauper et heros.
Heros sed tantum mihi contigit esse sequenti
Virtutem, solium qui corde tuisque lacertis
Nec domino raptum, humano nec sanguine tinctum
Erexi, cuncti imperio pretiosius orbis.
Victorum cruciant mordaces pectora curæ;
Aulis inclusi, muris et milite cincti
Nec tuti vivunt. Fastis quot sæpe videmus,
Queis male quæsitam laudem fortuna repente
In probrum vertit! Mihi vero, Amaryllis, amœnam
Vitam fata sinunt, placidæ gremioque quietis.
Te cerno vigilans, somnîs te mente figuro,
Aut vigil, aut somno sopitus plura nec opto.

O ser heróe, Marilia, não consiste
Em queimar os Imperios: move a guerra,
        Espalha o sangue humano,
        E despovôa a terra,
        Tambem o máo tyranno.
Consiste o ser heróe em viver justo;
E tanto póde ser heróe o pobre,
        Como o maior Augusto.

Eu é que sou heróe, Marilia bella,
Seguindo da virtude a honrosa estrada:
        Ganhei, ganhei um throno;
        Ah! não manchei a espada,
        Não o roubei ao dono.
Ergui-o no teo peito, e nos teos braços:
E valem muito mais que o mundo inteiro
        Uns tão ditosos laços.

Aos barbaros, injustos vencedores
Atormentam remorsos, e cuidados:
        Nem descansam seguros
        Nos palacios cercados
        De tropa, e de altos muros.
E a quantos nos não mostra a sabia historia
A quem mudou o Fado em negro opprobrio
        A mal ganhada gloria!

Eu vivo, minha bella, sim, eu vivo
Nos braços do descanso, e mais do gosto;
        Quando estou acordado
        Contemplo no teo rosto
        De graças adornado:
Si durmo, logo sonho, e alli te vejo.
Ah! nem desperto, nem dormindo sóbe
        A mais o meo desejo.

XXIX

Amnis jam patrii arva beasti, Amaryllis, ocellis;
Æquora scinde audens; natales desere montes;
Te quoque nunc aliæ lætentur cernere terræ.
Jampridem domus, heu! mea te desiderat: eia!
Tristis nec durum, ut Sappho, ingratumque sequeris,
Sed fidum ardentemque procum: jam vincula frange
Sanguinis: austro ut tu mihi, septem stella trione
Esto. Neptunum fluctus mulcere tridenti
Cernes; ipsum tunc æquor dormire videre;
Lenibus et nautas auris laxare rudentes,

LYRA XXIX

Tu, formosa Marilia, já fizeste
Com teos olhos ditosas as campinas
Do turvo ribeirão em que nasceste;
        Deixa, Marilia, agora
        As já lavradas serras;
Anda afouta romper os grossos mares,
Anda encher de alegria estranhas terras:
        Ah! que por ti suspiram
        Os meos saudosos lares!

Não corres, como Sapho, sem ventura,
Em seguimento de um cruel ingrato,
Que não cede aos encantos da ternura;
        Segues um fino amante,
        Que a perder-te morria.
Quebra os grilhões do sangue, e vem, ó bella.
Tu já foste no Sul a minha guia,
        Ah! deves ser no Norte
        Tambem a minha estrella.

Verás o Deos Neptuno socegado,
Aplainar c'o tridente as crespas ondas;
Ficar como dormindo o mar salgado:
        Verás, verás d'alheta
        Soprar o brando vento;

Torqueri clavum, navis cursumque sequentes
Delphinos, tumida insufflanti carbasa vento.
Murmure scindentem blando prorâque leonem
Albas in spumas nigros convertere fluctus;
Longum in aquis, ut iter, sulcum quem ponè relinquit
Puppis, dum fugit: immanem semel æquore piscem
Tractum, rursum hamum stolide mordere retortum;
Pisciculos, ut aves, nunc hâc illâque salire,
Et pelagus thunnis constratum imitantibus undas,
Cùm surgunt, seu cùm mergunt; et denique monstrum,
Cui lympha, ut scatebra, ex robusto nare redundat;
Cæruleas quoque, subfuscas, roseasque videbis
In cœlo nubes varias formare figuras.

Mover-se o leme, desrinzar-se o linho:
Seguirem os delfins o movimento,
Que leva na carreira
O empavezado pinho.

Verás como o Leão na prôa arfando
Converte em branca espuma as negras ondas,
Que atalha, e corta, com murmurio brando;
Verás, verás, Marilia,
Da janella dourada,
Que uma comprida estrada representa,
A limpha crystallina, que pisada
Pela pôppa que foge,
Em borbotões rebenta.

Bruto peixe verás de corpo immenso
Tornar ao torto anzol, depois de o terem
Pela rasgada bocca ao ar suspenso;
Os pequenos peixinhos
Quaes passaros voarem;
De toninhas verás o mar coalhado,
Ora surgirem, ora mergulharem,
Fingindo ao longe as ondas,
Que fórma o vento irado.

Verás que o grande monstro se apresenta,
Um repuxo formando com as aguas,
Que ao ar espalha da robusta venta;
Verás, emfim, Marilia,
As nuvens levantadas,
Umas de côr azul, ou mais escuras,
Outras de côr de rosa, ou prateadas,
Fazerem no horisonte
Mil diversas figuras.

Ostia cùmque Tagi intres, vix tua viderit ora,
Imprimet ipse stupens navis mox oscula clavo.
Tum jactans: « Gemmas nec mecum aurique reporto
« Montes ; sed totas potui subducere *Minas*, *
« Majorem in tua sic thesaurum æraria fundam ».

* Allude á Provincia de Minas no Brasil.

Mal chegares á foz do claro Tejo,
Apenas elle vir o teo semblante,
Dará no leme do baixel um beijo.
Eu lhe direi vaidoso :
« Não trago, não, comigo,
Nem pedras de valor, nem montes d'ouro ;
Roubei as aureas *Minas*, e consigo
Trazer para os teos cofres
Este maior thesouro. »

XXXII

Ad claram mater lympham consedit Amoris
    Fulta manu vultus; ádvenit ecce sopor.
Prospicit hanc, illic currit lætusque Cupido;
    Deceptus specie tum oscula fronte rapit.
Irata expergiscitur; est mox cognita nato,
    Qui supplex orat, sic veniamque petit:
« Te cernens, genitrix, Amaryllida cernere rebar,
    « Namque Amaryllidis est vultus et ipse tuus. »

LYRA XXXII

Juncto de uma clara fonte
A mãi de Amor se sentou;
Encostou na mão o rosto,
No leve somno pegou.

Cupido, que a vio de longe,
Contente ao logar correo;
Cuidando que era Marilia
Na face um beijo lhe deo.

Acorda Venus irada:
Amor a conhece; e então
Da ousadia, que teve,
Assim lhe pede perdão:

Foi facil, ó Mãi formosa,
Foi facil o engano meo:
Que o semblante de Marilia
E' todo o semblante teo.

XXXIV

Olim quæ scripsi, quadam dum nocte serenus
Versabam, rursus quoque singula cuncta legebam.
Hæc varios in amores carmina plena lituris,
Quæ juvenis feci, in fatum justæque querelæ,
Mentitam inque fidem, studium ingrateque repensum.
Has cernens nugas, relegens et inania mecum,
Quam male, tunc inquam, vitæ mihi tempora degi !
Protinus et cogens in acervum scripta soluta,
Relliquiæ ut maneant nullæ, hæc incendere conor.
Incœptum culpans justum, vultuque severo
Cæcus sic fatur Deus :

LYRA XXXIV

N'uma noite, socegado
Velhos papeis revolvia,
E por ver de que tractavam
Um por um a todos lia.
Eram cópias emendadas,
De quantos versos melhores
Eu compuz na terna idade
A meos diversos amores.
Aqui leio justas queixas
Contra a ventura formadas;
Leio excessos mal acceitos,
Doces promessas quebradas.
Vendo sem-razões tamanhas
Eu exclamo transportado:
Que finezas tão mal feitas!
Que tempo tão mal passado!
Juncto pois n'um grande monte
Os soltos papeis, e logo,
Porque reliquias não fiquem,
Os intento pôr no fogo.
Então vejo que o Deus cego
Com semblante carregado
Assim me fala, e crimina
O meo intento acertado:

..............................« Hos comburere versus,
« Audax, dic, pastor, tentas ? horumne Cupido
« Non auctor ? Nulla ex his tu vestigia curas
« Linquere ? Nonne meî sepelire tropœa, decusque
« Hoc quæris pacto ? » Hæc Amor ; et vix verba repres
Imponens humeris dextram, vultuque sereno
Sic ego : « Num censes, mihi postquam Amaryllida desti,
« Carmina non laude illius servare decere ?
« Præterea illa tuî quid me consumere refert ?
« Non tua quæ manus hæc scindit, quæ flamma peruri
Vix Amor audivit, jubet illa imponere prunis,
Ventum ignemque fovet, pulsat dum leniter alas.

(*) Syncope em logar de *dedisti*.

Queres queimar esses versos?
Dize, Pastor atrevido,
Essas Lyras não te foram
Inspiradas por Cupido?
Achas que de taes amores
Não deve existir memoria?
Sepultando esses triumphos,
Não roubas a minha gloria?

Disse Amor; e mal se cala,
Nos seos hombros a mão pondo,
Com um semblante sereno
Assim á queixa respondo:

Depois, Amor, de me dares
A minha Marilia bella,
Devo guardar umas Lyras,
Que não são em honra della?
E que importa, Amor, que importa,
Que a estes papeis destrua;
Si é tua esta mão, que os rasga,
Si a chamma, que os queima, é tua?

Apenas Amor me escuta
Manda que os lance nas brazas;
E ergue a chamma c'o vento,
Que formou batendo as azas.

AMARYLLIDOS DIRCÆI

ALIQUOT LYRICA SELECTA

PARS SECUNDA

ALGUMAS LYRAS ESCOLHIDAS

DE

MARILIA DE DIRCÊO

PARTE SEGUNDA

IV

Succedit, formosa Amaryllis, tetra diebus
Nox; hiemem insequitur brumalem fervidus æstus:
Æstatum variat sors; num mea sola manebit?
Florentes verno gemmant ut tempore trunci,
Sic rigidâ foliis brumâ spoliantur in agris.
Truncorum variat sors; num mea sola manebit?
Gradum tensa feris sistunt et retia brutis:
Duros sed rumpunt laqueos, et retia fallunt:
Brutorum variat sors; num mea sola manebit?
Vultus nec semper lætus mortalibus exstat,
Lætitiam luctus, luctum insequiturque voluptas:
Mortalis variat sors; num mea sola manebit?

LYRA IV

Succede, Marilia bella,
Á medonha noite o dia:
A estação chuvosa e fria
Á quente e secca estação.
Muda-se a sorte dos tempos;
Só a minha sorte não?

Os troncos nas Primaveras
Brotam em flores viçosos;
Nos Invernos escabrosos
Largam as folhas no chão.
Muda-se a sorte dos troncos;
Só a minha sorte não?

Aos brutos, Marilia, cortam
Armadas redes os passos;
Rompem depois os seos laços,
Fogem da dura prisão.
Muda-se a sorte dos brutos;
Só a minha sorte não?

Nenhum dos homens conserva
Alegre sempre o seo rosto;
Depois das penas vem gosto,
Depois do gosto afflicção.
Muda-se a sorte dos homens;
Só a minha sorte não?

Perversi in divos Titanes arma tulere,
Sed Superos posthac cœlum venerantur et orbis:
Divorum variat sors; num mea sola manebit?
Fient et mihi, sic spero, clementia fata;
Insons est animus, turpis mens integra culpæ:
Rerum mutatur sors; num mea sola manebit?
Tempus, quo trunci, lapides, atque æra teruntur,
Perfidiæ velum scindet; tunc vera nitescent:
Rerum mutatur sors; num mea sola manebit?
Qualis ego, verè terrarum cuncta videbunt;
Tu mea rursus eris; cordi quàm dulce levamen!
Omnia non vertet sors, dum mea sola manebit.

Aos altos Deoses movêram
Soberbos Gigantes guerra;
No mais tempo o Céo, e a Terra
Lhes tributa adoração.
    Muda-se a sorte dos Deoses;
    Só a minha sorte não?

Hade, Marilia, mudar-se
Do destino a inclemencia:
Tenho por mim a innocencia;
Tenho por mim a razão.
    Muda-se a sorte de tudo;
    Só a minha sorte não?

O tempo, ó Bella, que gasta
Os troncos, pedras, e o cobre,
O véo rompe, com que encobre
A verdade a vil traição.
    Muda-se a sorte de tudo;
    Só a minha sorte não?

Qual eu sou, verá o mundo;
Mais me dará do que eu tinha,
Tornarei a ver-te minha:
Que feliz consolação!
    Não ha de tudo mudar-se,
    Só a minha sorte não.

V

Flavus, qui frontem cingit, jam jamque capillus
Albescit, canusque cadit; jam rarior exstat:
Non oculi vegeti, rosei vultuque colores;
Rugatur facies, demum convertor et omnis.
Terga recurvantur, quæram si surgere; membra
Deficiunt vires; torpens pedibusque vacillo,
Paucos si faciam passus. Me quando videbis,
Non sic annorum series, Amaryllis, inertem,
Mentis, crede mihi, fecit sed cura laborque.
Cùm cernam te, continuò mihi læta juventa,
Membris et vigor accedent vultuque colores.

LYRA V

Já, já me vai, Marilia, branquejando
Louro cabello, que circula a testa;
Este mesmo, que alveja, vai cahindo,
E pouco já me resta.

As faces vão perdendo as vivas côres,
E vão-se sobre os ossos enrugando;
Vai fugindo a viveza dos meos olhos,
Tudo se vai mudando.

Si quero levantar-me, as costas vergam;
As forças dos meos membros já se gastam;
Vou a dar pela casa uns curtos passos,
Pesam-me os pés, e arrastam.

Si algum dia me vires desta sorte,
Vê que assim me não pôz a mão dos annos;
Os trabalhos, Marilia, os sentimentos
Fazem os mesmos damnos.

Mal te vir, me dará em poucos dias
A minha mocidade o doce gôsto;
Verás brunir-se a pelle, o corpo encher-se,
Voltar a côr ao rosto.

Exsiccat frondes æstas, quæ rore virescunt
Verno; crudelis deformat corpora morbus;
Vixque valet, vires ægrotus, ut ante, resumit.
Tu quoque me nunc ægrotum, frondemve figura,
Ver misero mihi te gratam fingamque salutem.
Si stellæ, floresque tuis animantur ocellis,
Quid non efficient huic, qui te semper amavit?

No calmoso Verão as plantas seccam;
Na Primavera, que aos mortaes encanta,
Apenas cahe do Céo o fresco orvalho,
Verdeja logo a planta.

A doença deforma a quem padece;
Mas logo que a doença faz seo termo,
Torna, Marilia, a ser quem era d'antes
O definhado enfermo.

Suppõe-me qual doente, ou qual a planta,
No meio da desgraça, que me altera;
Eu tambem te supponho qual saude,
Ou qual a Primavera.

Si dão esses teos meigos, vivos olhos
Aos mesmos astros luz, e vida ás flores,
Que effeitos não farão em quem por elles
Sempre morreo de amores?

VII

Quod nec inops habeo nunc tempus adire grabatum
Me somnus capit ; extendit mox Morpheus alas.
Illud sed pauper volitant quæ somnia circum
Tetras nec species, furcas, non horrida fingunt.
Fingunt at tibi magnificam me pingere vestem,
Atque in acus puerum juxta injicere aurea fila
Circa humeros alis, cæcum, flavoque capillo:
Magnum me templum tecum penetrare, manumque
Me religare tuæ ; tunc teque pudore rubere ;
Auratoque vehi curru, floresque cubili
Effusos ab Amoribus;

LYRA VII

Vou-me, ó Bella, deitar na dura cama,
De que nem sequer sou o pobre dono
Estende sobre mim Morpheo as azas,
E vem ligeiro o somno.

Os sonhos, que rodeam a tarimba,
Mil cousas vão pintar na minha idéa:
Não pintam cadafalsos, não, não pintam
Nenhuma imagem fêa.

Pintam que estou bordando um teo vestido;
Que um menino com azas, cégo, e louro,
Me enfia nas agulhas o delgado,
O brando fio de ouro.

Pintam que entrando vou na grande Igreja:
Pintam que as mãos nos damos, e aqui vejo
Subir-te á branca face a côr mimosa,
A viva côr do pêjo.

Pintam que nos conduz dourada sege
Á nossa habitação; que mil Amores
Desfolham sobre o leito as molles folhas
Das mais cheirosas flôres.

...........................hanc nos linquere terram;
Quemque et amicum flebiliter sudaria ferre
Ad vultus; me jam fluctus sulcare *Bahiæ;* *
Quâ mea lapsa juventa fuit; palmaria et urbem
Vicis divisam geminis jam cernere longe;
Atque manum dare, teque scaphâ descendere in oram
Ponte super; vix conspectam digitoque popello
Monstrari... Hic, eheu! somnus clamore repente
Alterno excubiarum effúgit!... somnia novi
Hæc mendacia! Ni solum autem crimen amoris,
Omnibus haud illis tu sola, Amaryllis, adesses,
Nam longe diversa, reos quæ somnia turbant.

* A Provincia da Bahia no Brasil.

Pintam que desta terra nos partimos;
Que os amigos saudosos, e suspensos
Apertam nos inchados, roxos olhos
Os já molhados lenços.

Pintam que os mares sulco da Bahia,
Onde passei a flôr da minha idade;
Que descubro as palmeiras, e em dois bairros
Partida a grã Cidade.

Pintam leve escaler, e que na prancha
O braço já te off'reço reverente;
Que te aponcta c'o dedo, mal te avista
Amontoada gente.

Aqui, *álerta*, grita o máo soldado:
E o outro, *álerta estou*, lhe diz gritando:
Acórdo com a bulha; então conheço,
Que estava aqui sonhando.

Si o meo crime não fosse só de amores;
A ver-me delinquente, réo de morte,
Não sonhára, Marilia, só comtigo,
Sonhára de outra sorte.

XII

Ni sum, Amaryllis, ego cœco demersus Averno;
Quas incusatis sumit Rhadamanthus in Orco,
Consimiles patior pœnas, dum incendor amore.
Ringentes Furiæ, exesis manibusque colubras
Nec rabidas jaciunt; alia ast me monstra sequuntur;
Continuò curæ me, angues ut mille, remordent.
Sisyphus ut, vitam, saxum volvensque petensque,
Nec totam dego: rota nec mihi volvitur usquè;
Volvitur ast alio ingenti mens fessa dolore.
Intortis vultur lethaliter unguibus hærens,
Esuriensque tepentia nec præcordia rodit;
Monstrum vero aliud rodit crudelius exta:
Hoc desiderii vultur, qui corda peredit. *

---

* Peredit no preterito perfeito.

LYRA XII

Si acaso não estou no fundo Averno,
Padece, ó minha bella, sim padece
O peito amante, e terno,
As afflicções tyrannas, que aos precítos
Arbitra Rhadamantho em justa pena
Dos barbaros delictos.

As Furias infernaes, rangendo os dentes,
Com a mão escarnada não me applicam
As raivosas serpentes:
Mas cercam-me outros monstros mais irados:
Mordem-me sem cessar as bravas serpes
De mil e mil cuidados.

Eu não gasto, Marilia, a vida toda
Em lançar o penedo da montanha;
Ou em mover a roda;
Mas tenho ainda mais cruel tormento:
Por cousas que me affligem, roda, e gyra
Cansado pensamento.

Com retorcidas unhas, agarrado
Á tépidas entranhas, não me come
Um abutre esfaimado;
Mas sinto de outro monstro a crueldade:
Devora o coração que mal palpita,
O abutre da saudade.

Mala * nec aspicio, nec dulcia flumina cerno,
Dum sàtiare volo, quæ me fugientia fallunt;
Te vero amplecti crudelia fata recusant,
Effigies quamvis maneat tua corde reposta.
Tartara me cohibent, verè me claudit Avernus;
Hoc autem solùm sors est clementior uno:
« Umbroso ex Orco non omnibus ire licebit,
« Brachia sed lætum ad tua me breviterque volare. »

---

* Màlum, i, *n*, pomo, fructa, que não se deve confundir com o adjectivo Màlus, a, um, que tem a primeira syllaba breve.

Não vejo os pomos, nem as aguas vejo,
Que de mim se retiram quando busco
    Fartar o meo desejo;
Mas quer, Marilia, o meo destino ingrato,
Que lograr-te não possa, estando vendo
    Nesta alma o teo retrato.

Estou no Inferno, estou, Marilia bella;
E n'uma cousa só é mais humana
    A minha dura estrella:
Uns não podem mover do Inferno os passos;
Eu pretendo voar, e voar cedo
    Á gloria dos teos braços.

XIII

Ecce rogis ardet structis pro laude Joannis
Illita stuppa pice, et fumat per strata viarum;
Credulus en mortalis tunc sua fata requirit.
Non cinaram flammis positam, quæ rore madescens
Matutinali, quamvis combusta, virescit,
Ovum non haheo, quod aquæ defundere possim
In cyathum, et simulet permagna palatia, turres,
Velivolam ac navem, fusum, mixtumque liquore.
Nunc verò memini, quondam me audisse recordor
Stantem ponè fores attente haustum ore tenere,
Usque sonat nomen; primum quodcumque vocatum,
Hoc sponsæ nomen, fatum statuisse futurum:
Forsitan hæc vera; ast nec obest, si stulta facesso.
Omnia festinus perago, cum venit ad aures
Filenæ nomen: subitò tunc ore liquorem
Ejeci, et vitæ dubius periisse putavi!

LYRA XIII

Arde o velho barril, arde a cabeça,
Em honra de João na larga rua;
O credulo mortal agora indaga
Qual seja a sorte sua.

Eu não tenho alcachofra, que á luz chegue,
E nella orvalhe o Céo de madrugada,
Para ver si rebentam novas folhas.
Aonde foi queimada.

Tambem não tenho um ovo que despeje
Dentro de um copo d'agua, e possa nella
Fingir palacios grandes, altas torres,
E uma náo á vela.

Mas, ah! em bem me lembre; eu tenho ouvido
Que na bocca um bochecho d'agua tome,
E atraz de qualquer porta attento esteja,
Até ouvir um nome.

Que o nome, que primeiro ouvir, é esse
O nome, que ha de ter a minha amada:
Póde verdade ser; si fôr mentira,
Tambem não custa nada.

Vou tudo executar, e de repente
Ouvi dizer o nome de Filena;
Despejo logo a bocca; ah! não sei como
Não morro alli de pena!

En Amor apparet, magnum tollensque cachinnum,
« Num tibi, tum quærit, placuit jocus? anne facetus
« Ludus? Sæpe tuam promisi Amaryllida; tu autem
« Parvi adeo pendis tibi quæ promissa fuere,
« Credulus ut facias quod anus tibi præcipit amens ».
Tunc ego: « Qui duræ premitur sub verbere sortis;
« Omen et in ludis ipsis fatale veretur ». *

---

* Quò meliùs et indigenæ, et exteri hoc lectores carmen intelligant, aliquot ejusdem locos explanare oportet.

Apud Portugaliæ Braziliæque populos longè antiquissimus mos, quum Beati Joannis Baptistæ solemne celebratur, per noctem rogos in viis struere et accendere, infixis etiam solo palis, quorum in superiore parte, magni capitis ad instar, e stuppeis fibris pice perunctis contextus globus incenditur.

Variæ ad tale solemne attinentes in vulgo superstitiones exstant. Nam ea nocte, quibusdam observatis auguriis, quisque sibi fata prænoscere credit.

Si flammis rogi admota, eâdem nocte sub dio exposita, et matutino rore madescens cinara revirescit, omen erit secundum.

Ovi quoque putamine fracto, albugine ac vitello in cyathum defusis, liquorem permixtum sub dio relinquere solent: postero die, ut primùm lucescit, prout, coagulatione facta, seu turres, seu palatia, seu navis velivola, quæqumque demum summâ in aquâ simulentur, ita augurium interpretantur. Hæc altera est inaugurandi ratio.

Præterea, scire cupienti quodnam marito, uxorive nomen futurum sit, credulæ anus haustum in ore servare, et ponè fores, arrectis auribus stare suadent; quodcumque primùm sonabit, id vel marito, vel uxori a fatis nomen decretum esse affirmant.

Plurima hujusmodi inania et puerilia; sed sola quæ nunc poeta alludit evolvere sat est.

Apparece Cupido : então soltando
Em ar de zombaria uma risada,
E que tal, me pergunta, *esteve a peça ?*
Não foi bem pregada ?

Eu já te disse, que Marilia é tua :
Tu fazes do meo dicto tanta conta,
Que vais acreditar o que te ensina
Velha mulher já tonta.

Humilde lhe respondo : *Quem debaixo*
Do açoite da Fortuna afflicto geme,
Nas mesmas cousas, que só são brinquedos,
Se agouram males, teme. *

---

* Para que os leitores nacionaes, e estrangeiros comprehendam melhor esta lyra, convem explicar certos ponctos.

É usança antiquissima em Portugal, e no Brazil, quando se festeja o dia de S. João Baptista, armar e accender á noite nas ruas fogueiras, fincando tambem no chão estacas, em cuja parte superior se accende um globo á semelhança de uma grande cabeça, formado de fibras de estôppa unctadas de pez. (cabeça de alcatrão).

Ha entre o vulgo varias superstições relativas á festa d'este sancto; pois nessa noute, observados certos agouros, crê cada um conhecer d'antemão o seo destino.

Si uma alcachofra, passada pelo fogo, e exposta nessa noute ao sereno, reverdece com o orvalho da madrugada, é bom signal.

Costuma-se tambem, quebrado um ovo, e despejadas clara e gemma em um copo d'agua, deixar este liquido, assim misturado, em exposição ao sereno: no dia seguinte apenas amanhece, coagulado o liquido, conforme apparece na superficie d'agua ou palacio, ou torres, ou um navio á vela, assim interpretam o agouro.

Alem d'isto, dizem as credulas velhas que quem quizer saber o nome do seo futuro marido, ou esposa conserve na bocca um bochecho d'agua, ficando atraz de uma porta, até ouvir um nome ; que o primeiro nome, que ouvir, esse será o do marido ou esposo, que os fados lhe destinam.

Muitas outras puerilidades ha ainda d'este genero; mas basta explicar somente aquellas a que o poeta allude.

XV

Hunc, Amaryllis amans, redimitum floribus agnum
Cernis, qui læte currit mactandus ad aras?
Intrat jam populus templum; pyra fumat, et illum
Ut ferit antistes, balat, moriturque. Juvencum
Nunc cernis, laqueo vinctum, qui immobilis hæret,
Atque pedes terrâ figens procedere nonvult?
Ex pravo nescit mutari rure, manumque,
Quæ validè trahit hunc, ad pascua ducere læta.
Quam sibi præscriptam a nobis animantia sortem
Ignorant; contentus hic ad mortem, ille coactus
Ad vitam graditur: par est dementia nobis
Cum brutis: consulta Dei nec noscere quimus.

LYRA XV

Vês, Marilia, um cordeiro
De flores enramado,
Como alegre caminha
A ser sacrificado?
O Povo para o Templo já concorre;
A Pyra sacro-santa já se accende;
O Ministro o fere: elle bala, e morre.

Vês agora o novilho,
A quem segura o laço,
No chão as mãos espéca,
Nem quer mover um passo.
Não conhece que sae de um máo terreno,
Que o forte pulso, que a seguir o arrasta,
O conduz a viver n'um campo ameno.

Ignora o bruto como
Lhe dispomos a sorte;
Um vai forçado á vida,
Vai outro alegre á morte:
Nós temos, minha bella, igual demencia:
Não sabemos os fins, com que nos move
A sábia occulta mão da Providencia.

Jacobi natum fratres occidere tentant;
Consilium mutant; captivum et vendere ponunt
Perversi. Joseph verò nec servus habetur;
Semideus pervênit in Ægypto esse gradatim.
Noscere quis poterit me nunc an fata reservent
Captum, majora ut posthac discrimina vitem?
Clara aliquando dies fortassis surgere possit;
Ast ego, (surgat, necne) manum pius osculor æquam,
Quæ ducit me sic, cælum et submissus adoro.

De Jacob ao bom filho
Os máos matar quizeram :
De conselho mudáram,
Como escravo o vendêram ;
José não corre a ser um servo afflicto :
Vai subindo os degráos, por onde chega
A ser um quasi Deos no grande Egypto.

Quem sabe si o Destino
Hoje, ó bella, me prende,
Só porque nisto de outros
Mais damnos me defende ?
Póde ainda raiar um claro dia ;
Mas quer raie, quer não, ao Céo adoro,
E beijo a sancta mão, que assim me guia.

XX

Te fessus linquit curis, Amaryllis, acerbis
Dircæus; gelidusque rigat pallentia sudor
Ora: micat crepitans vegeto nec sanguine vena;
Ex oculis lumen fugit, ultima labitur ore
Lacryma; jam sistit tremor; en suspirat, et auram
Vitalem fundit! Sedem, quâ solvitur error,
En animus tangit; latrat jam Cerberus, aulæ
Et Stygiæ jam cardinibus revoluta patescit
Ferrea porta: suo se coram judice præbens
Ærumnas narrat vitæ; atque stupore coactus
Insolito Rhadamanthus flectitur ipse dolore!...
Detinet hic saxum manibus stupefactus, hiansque;
Est nec jam sævæ memor ille famisque sitisque;
Esuriens rostro cessat quoque vultur obunco;
Tetrâ funestâque colu nens Parca quiescit;
Ipsæ demittunt tortis Furiæ unguibus angues!...

LYRA XX

Dirceo te deixa, ó bella,
De padecer cansado ;
Frio suor já banha
Seo rosto descôrado :
O sangue já não gyra pela vêa :
Seos pulsos já não batem,
E a clara luz dos olhos se bacêa ;
A lagrima sentida já lhe corre ;
Já para a convulsão, suspira, e morre.

Seo espirito chega
Onde se pune o erro :
Late o cão, e se lhe abrem
Grossos portões de ferro.
Aos severos Juizes se apresenta,
E com sentidas vozes
Toda a sua tragedia representa ;
Enche-se de ternura, e novo espanto
O mesmo inexoravel Rhadamantho.

Abre um pasmado a bocca,
E a pedra não despede ;
Outro já não se lembra
Da fome, e mais da sêde :
Descansa o curvo bico e a garra impia
Negro abutre esfaimado :
Nem na róca medonha, a Parca fia.
Até as mesmas Furias inclementes
Deixam cahir das unhas as serpentes.

Jam fertur sententia ; jamque relinquere sedem
Culpatis præscriptam animis a Dite jubetur
Dircæus, nigroque brevi discedere regno.
Quidquid seu luctum, seu gaudia gignere possit,
Labitur ex animo ; sed quamquam combibit undas
Lethes ; solùm, Amaryllis, adhuc te nomine clamat.
Lætos jam subit Elysios, ridentia prata,
Rivi quos sulcant placidi, stratosque rosetis ;
Flumina jam dulci plus melle suavia, lacte
Potat ; jam blandos audit cantusque volucrum :
Hîc, ait, hîc tandem sistam, lætusque manebo,
Usque Amaryllis eam adveniat pulcherrima sedem.
Hîc... sed quò rapior ?... Mens, heu ! calefacta dolore
Decipitur !... nondum perii ; me Jupiter immò
Vivere vult tecum, atque tuis gaudere lacertis ;
Tunc equidem ad cælum ferar, o Amaryllis, et illîc
Postea tu mecum vives feliciter unà !...

Já votam os Juizes:
E o Rei Plutão lhe ordena,
Deixe o sitio em que ficam
Almas dignas de pena.
Já sahe do escuro Reino, e da memoria
Lhe passa tudo quanto,
Ou póde dar-lhe mágoa, ou dar-lhe gloria;
Só, bem que o gosto ás turvas aguas tome,
Inda, Marilia, inda diz teo nome.

Entra já nos Elysios:
Campinas venturosas,
Que mansos rios cortam,
Que cobrem sempre as rosas.
Escuta o canto das sonoras aves,
E bebe as aguas puras,
Que o mel, e do que o leite mais suaves.
Aqui, diz elle, *espero a minha bella:*
Aqui contente viverei com ella.

Aqui... porém aonde
Me leva a dôr activa?
E' illusão desta alma;
Jove inda quer que eu viva.
Eu devo sim gozar teos doces laços;
E em paga dos meos males,
Devo morrer, Marilia, nos teos braços:
Então eu passarei ao Reino amigo,
E tu irás depois lá ter comigo.

XXIII

Si pressum curis me tristibus ipsa videres
    Carcere detentum, quàm mea fata fleas !
Nec vivus, tanto victusque dolore fuissem,
    Me cæcus foveat ni puer ille bonus
Nomine sæpe tuo. Simul atque aurora refulget,
    Confestim lecto paupere surgo meo.
Sol medius ; crines errant per colla soluti,
    Deficiunt animi, cura nec ipsa meî.
Me verò objurgans Amor : « Hunc formosa capillum
    « Insipiens, mihi dic, nonne Amaryllis amat ?
« Si fœdum gestes, prorsus curare recuses,
    « Hirtum cùm videat, nonne queretur ea ? »
Nil ego : sed tristissima tunc suspiria mittens
    Pectine neglectam protinus orno comam.

LYRA XXIII

Si me viras com teos olhos
Nesta masmorra mettido,
De mil idéas funestas,
E cuidados combatido :
Qual seria, ó minha bella,
Qual seria o teo pezar ?

Á força da dôr cedêra,
E nem estaria vivo,
Si o menino Deos vendado,
Extremoso e compassivo,
Com o nome de Marilia
Não me viesse animar.

Deixo a cama ao romper d'alva ;
O meio dia tem dado,
E o cabello ainda fluctua
Pelas costas desgrenhado.
Não tenho valor, não tenho,
Nem para de mim cuidar.

Diz-me Cupido : *E Marilia*
Não estima este cabello ?
Si o deixas perder de todo,
Não se ha de enfadar ao vê-lo ?
Suspiro, pego no pente,
Vou logo o cabello atar.

En variis abacus dapibus jam fertur onustus,
    Mensaque dum struitur, turbidus ipse vagor.
Omnia frigescunt alimenta, nec ulla comesa;
    Nulla fames mihi; contingere nulla queo.
« Tu mihi, dixit Amor, te sponte necare videris:
    « Recte! nunc mœrens plus Amaryllis erit. »
Ægrotus veluti qui pharmaca spernit amara,
    Invitus labris prandia tango meis.
Tum subit in mentem mihi te vidisse fenestrâ,
    Cum surgit vesper, sole cadente, nitens.
Tristitiâ oppressus dejecta manu ora reclino;
    Solamen nullum; rursus, ut ante, fleo.
« Jam satis, inquit Amor, Dircæe, satisque doloris:
    « Nonne Amaryllida amas? carmina lude sua. »
Ex oculis lacrymæ tamquam de fontibus undant,
    Attamen extemplo pectore promo melos.
Carceris en custos veterem spurcamque lucernam
    Accendit; carcer tetrior ipse manet:
Jam querulum sisto, blandum jam supprimo cantum
    Immersus tenebris, verbaque nulla loquor.

Vem um taboleiro entrando
De varios manjares cheio
Põe-se na mesa a toalha,
E eu pensativo passeio;
De todo o comer esfria,
Sem nelle poder tocar.

Eu entendo que a matar-te,
Diz Amor, *te tens proposto;*
Fazes bem: terá Marilia
Desgosto sobre desgosto.
Qual enfermo c'o remedio,
Me afflijo, mas vou jantar.

Chegam as horas, Marilia,
Em que o Sol já se tem posto;
Vem-me á memoria que nellas
Vi á janella teo rosto;
Reclino na mão a face,
E entro de novo a chorar.

Diz-me Cupido: *Já basta,*
Já basta, Dirceo, de pranto;
Em obsequio de Marilia
Vai tecer teo doce canto.
Pendem as fontes dos olhos,
Mas eu sempre vou cantar.

Vem o Forçado accender-me
A velha, suja candêa;
Fica, Marilia, a masmorra
Inda mais triste, e mais fêa.
Nem mais canto, nem mais posso
Uma só palavra dar.

« Quæ nuper cantasti nunc est scribere tempus :
« En age ; rumpe moras, » vividus inquit Amor.
Tunc atramentum ex oleo fumoque paravi
Hactenus insuetum ; pro graphio estque mihi
Aptatum lignum, versus quo exscribere cœpi.
Ter cecinit gallus ; me capit haudque sopor ;
Noctem ducturum insomnem me fatus Amorem
Illecebris oro, ut me comitetur eâ.
Tunc Amor ostensura Amaryllida dulcia spondet
Somnia, si placet pectora blanda quies.
Ullum nec verbum facio, sternoque grabatum,
Housing Laternâ exstincta, jamque cubile peto:
Quomodo tam diras poterit devincere curas,
Munera cui sua non annuit asper Amor,
Si mœrens egomet, qui nec desertus ab illo,
Sævam continuo vitam, Amaryllis, ago ?!...

Diz-me Cupido : *São horas*
De escrever-se o que está feito.
Do azeite, e da fumaça
Uma nova tincta ageito ;
Tomo o páo, que penna finge,
Vou as Lyras copiar.

Sem que chegue o leve somno,
Canta o gallo a vez terceira ;
E eu digo a Amor, que fico
Sem deitar-me a noite inteira :
Faço mimos, e promessas
Para elle me acompanhar.

Elle diz que em dormir cuide,
Que hei de ver Marilia em sonho ;
Não respondo uma palavra,
A dura cama componho,
Apago a triste candêa,
E vou-me logo deitar.

Como póde a taes cuidados
Resistir, ó minha bella,
Quem não tem de Amor a graça,
Si eu, que vivo á sombra della,
Inda vivo desta sorte,
Sempre triste a suspirar ?

XXIV

Carcere dissimiles quàm fœdo, Amaryllis, earum
Sunt horæ, patrio tecum quas leniter egi
Pago ! Tunc etiam, semper Glauceste sodale,
Ludebam pratis altæ sub tegmine cedri
Nunc tibi carmina ego, Eulinæ nunc ille canebat.
Cantum quisque suum sublimia tollit ad astra ;
Alterutrum certant ambo superare canendo ;
Nunc « *Amaryllis amans,* » mox Echo « *Eulina* » resultat
“ *Ingrata.* „ Et silvas Satyri saltusque relinquunt ;
Unus et accurrens ad nos velociter illis
Vix audit propius, pedibus dirumpit avenam.
Dircæus, clamat pastor, quem Amaryllis adoret
Dignus ; et alter : “ Ubi Eulinæ sors ditior ulla ?

LYRA XXIV

Que diversas que são, Marilia, as horas,
Que passo na masmorra immunda e fêa,
Dessas horas felizes, já passadas
Na tua patria Aldêa!

Então eu me ajunctava com Glauceste;
E á sombra de alto cedro na campina,
Eu versos te compunha, e elle os compunha
A' sua cara Eulina.

Cada qual o seo canto aos astros leva;
De exceder um ao outro qualquer tracta;
O écho agora diz: *Marilia terna;*
E logo: *Eulina ingrata.*

Deixam os mesmos Sátyros as grutas:
Um para nós ligeiro move os passos:
Ouve-nos de mais perto, e faz a flauta
C'os pés em mil pedaços.

Dirceo, clama um Pastor, *ah! bem merece*
Da candida Marilia a formosura.
E onde, clama o outro, *quer Eulina*
Achar maior ventura?

Nullus et armentum curabat pastor in agris,
Hæc dum nos inter stabant certamina cantus,
Non finita prius, quam sol discedat ab orbe.
Vespere qui fuerant deducti, nocte solebam
Ipse casâ scriptos humili tibi tradere versus,
Vix lectos castoque sinu tu pulchra fovebas.
Lætitiæ lacrimis dextram humectansque rigansque,
Oscula delibans nunquam cantare decorem
Tunc jurabam alium, pulchri quàm Amaryllidis oris.
Nondum rupta fides; et quamquam Musa silescit,
Carminibus potior fletûs gemitûsque loquela.

Nenhum Pastor cuidava do rebanho,
Emquanto em nós durava esta porfia;
E ella, ó minha amada, só findava
Ao acabar-se o dia.

A' noite te escrevia na cabana
Os versos, que de tarde havia feito;
Mal t'os dava, e os lias, os guardavas
No casto, e branco peito.

Beijando os dedos dessa mão formosa,
Banhados com as lagrimas do gosto,
Jurava não cantar mais outras graças,
Que as graças do teo rosto.

Ainda não quebrei o juramento;
Eu agora, Marilia, não as canto:
Mas inda vale mais que os doces versos
A voz do triste pranto.

XXVI

Justam, non, Amaryllis, eam, quæ vincula tendit,
Detestare manum: frustra nec sustinet ensem
Ultricem crimen castigatura. Ligatæ
Judicis atque viri dotes in corde; reumque,
Flent oculi, quandoque jubet comprendere lingua.
Vilia si forte insontem perjuria nigrant,
Cur punitorem culpem? Non arbiter, ast lex,
Et lis nos damnat. Recto dumtaxat Averno
Non sese insimulant homines, testesque rogantur.
Non dolus est illic: sua facta omnesque fatentur.
Damnatos cruciant Furiæ; en hæc applicat ignem;
Succutit hæc angues; incusat quisque cruentam
Sortem, nemo Jovem.

LYRA XXVI

Não praguejes, Marilia, não praguejes
A justiceira mão, que lança os ferros;
Não tráz debalde a vingadora espada:
Deve punir os erros.

Virtudes de Juiz, virtudes de homem
As mãos se deram, em seo peito moram:
Manda prender ao réo austéra a bocca,
Porém seos olhos choram.

Si á innocencia denigre a vil calumnia,
Que culpa aquelle tem, que applica a pena?
Não é o Julgador, é o processo,
E a lei, que nos condemna.

Só no Averno os Juizes não recebem
Accusação, nem prova de outro humano;
Aqui todos confessam suas culpas,
Não póde haver engano.

Eu vejo as furias affligindo aos tristes:
Uma o fogo chega, outra as serpes move:
Todos maldizem, sim, a sua estrella,
Nenhum accusa a Jove.

.........................Immerito me et carcere quamvis
Magnus compescit dux, hunc quoque gratus adoro.
Qualis ego vere sum, non, Amaryllis, ab illo,
Sons autem qualis videor tantummodo, pendor.
Qui civem lacrymans compertum in crimine punit,
Quàm lætus fiet, si insontem reddere possit !...
Vincis, Barbacena, Titos virtutibus ipsos,
Nec solum innocuos, etiam quos plectis, honoras!

Eu tambem inda adoro ao grande Chéfe,
Bem que a prisão me dá, que eu não mereço ;
Qual eu sou, minha bella, não me tracta,
Tracta-me qual pareço.

Quem suspira, Marilia, quando pune
Ao vassallo, que julga delinquente,
Que gosto não terá, podendo dar-lhe
As honras de innocente?

Tu vences, Barbacena, aos mesmos Titos
Nas sãs virtudes, que no peito abrigas;
Não honras tamsómente a quem premeias,
Honras a quem castigas.

XXVII

Ecce feris luctandum mecum!... en solvitur una!...
Gressus percipio; hìc, nudis capiamque lacertis.
Ecce petit me jam maculosus tigris inermem:
Pectoribus cingo; huic franguntur et ilia; languet,
Procumbit, rugiensque tremit, moriturque subinde!
Est leo nunc: movet ecce jubam; esuriensque minante
Irruit: haud mora; nec sum prælia fessus ad ista.
Comprimo jam fauces; en jam protenditur ore
Lingua; tumentque oculi; totum corpusque vacillat;
Verberat et rabidus terram, atque exspirat anhelans!
Quid verò?! Tremis? an credis me fata vovere
Romano circo?... Mihi non, Amaryllis, in ursos,
Pantherasque irrumpere: nunc mihi pugna serenda
Isto cum monstro, quo sum damnatus et angor;
Estque leone fera hæc tigribusque ferocior ipsis!
Mendacis vibret linguæ in me tela furenter,
Nil timeo;.... ....

LYRA XXVII

Eu vou, Marilia, vou brigar co'as feras!
Uma soltaram ; jà lhe sinto os passos :
        Aqui, aqui a espero
        Nestes despidos braços.
É um malhado tigre ; a mim já corre :
Ao peito o apérto, estalam-lhe as costelas,
Desfallece, cahe, urra, treme, e morre.

Vem agora um Leão : sacode a grenha ;
Com faminta paixão a mim se lança ;
        Venha embora ; que o pulso
        Ainda não se cança.
Opprimo-lhe a garganta, a lingua estira,
O corpo lhe fraquêa, os olhos incham,
Açouta o chão convulso, arqueja, e expira.

Mas que vejo, Marilia ! Tu te assustas ?
Entendes que os destinos inhumanos
        Expõem a minha vida
        No circo dos Romanos ?
Com ursos, e com onças eu não lucto :
Lucto c'o bravo monstro, que me accusa,
Que os tigres, e leões mais fero, e bruto.

Embora contra mim raivoso esgrima
Da vil calumnia a cortadora espada :
        Uma alma, qual eu tenho,
        Não, não recêa nada.

...............audax devincet mens integra monstrum;
Nigraque colla premam, truculentaque pectora rumpam
Ultori mihi cùm jaciendum ad Tartara credat,
Nobiliter corpus tollam, et tunc : « Pessime, dicam,
« Ut vilis tu agis, ut divi, mea corda sueta ».

Eu heide, sim, punir-lhe a insolencia:
Pizar-lhe o negro collo, abrir-lhe o peito
Co'as armas invenciveis da innocencia.

Ah! quando imaginar, que, vingativo
Mando que desça ao Tartaro profundo:
        Heide com mão honrada
        Erguer-lhe o corpo immundo.
Eu então lhe direi: *Infame, indigno,*
Obras como costuma o vil humano;
Faço, o que faz um coração divino.

AMARYLLIDOS DIRCÆE

ALIQUOT LYRICA SELECTA

PARS TERTIA

ALGUMAS LYRAS ESCOLHIDAS

DE

MARILIA DE DIRCÊO

PARTE TERCEIRA

III

Est mea lecta, Amaryllis amans, sententia tandem
Fati scripta manu: cara, vale; exul eo.
Absens quid faciam, Superi? periturus abibo.

Longinquam, audivi, jubeor contendere terram;
Dicere nec qualis tunc dolor ipse queo.
Absens quid faciam, Superi? periturus abibo.

Mille premunt penitus cruciantes pectora curæ;
Te unquam visendam sors mihi dura negat.
Absens quid faciam, Superi? periturus abibo.

Nec dolet extorrem patrios mutare penates,
Te verò breviter linquere corda premit.
Absens quid faciam, Superi? periturus abibo.

LYRA III

Leo-se-me emfim a sentença
Pela desgraça firmada;
Adeus, Marilia adorada,
Vil desterro vou soffrer.
  Ausente de ti, Marilia,
  Que farei? irei morrer.

Que vá para longes terras,
Intimarem-me eu ouvi:
E a pena que então senti,
Justos Céos! não sei dizer.
  Ausente de ti Marilia,
  Que farei? irei morrer.

Mil penas estou sentindo
Dentro n'alma; e por negaça
Me está dizendo a desgraça,
Que nunca mais t'heide ver.
  Ausente de ti, Marilia,
  Que farei? irei morrer.

Por deixar os patrios Lares,
Não me fere o sentimento;
Porém suspiro, e lamento
Por tão cedo te perder.
  Ausente de ti, Marilia,
  Que farei? irei morrer.

Nec dolet amissum, nunquam reparabile, tempus;
Hunc autem flammæ terminum adesse meæ;
Absens quid faciam, Superi? periturus abibo.

Invida dirumpunt graciles et fata catenas,
Quas voluit nobis indere castus amor.
Absens quid faciam, Superi? periturus abibo.

Crudelis jubeat lex me discedere sortis,
Quin te depeream nec prohibere potest;
Atque procul quamquam a te, te moribundus amabo.

Não são as horas que perco,
Que motivam minha dôr;
Mas sim ver, que o meo amor
Este fim havia ter.
Ausente de ti, Marilia,
Que farei? irei morrer.

A mão do fado invejoso
Vai quebrando em mil pedaços
Os doces, suaves laços,
Com que amor nos quiz prender.
Ausente de ti, Marilia,
Que farei? irei morrer.

Da desgraça a lei fatal
Póde de ti separar-me;
Mas nunca d'alma tirar-me
A gloria de te querer.
Ausente de ti, Marilia,
Heide amar-te até morrer.

IV

Ah ! quoties credit periturum naufragus undis ;
    Sors at subvenit huic, incolumemque facit !
Soli sed tetro nullum mihi carcere curæ
    Semineci tristes dulce levamen habent !

Complures atrox mortales vexat egestas ;
    At dives fiet qui modo pauper erat.
Soli sed tetro nullum mihi carcere curæ
    Semineci tristes dulce levamen habent !

Sorte quidem non deseritur certamine miles ;
    Saucius haud telis surgit et ipse ferox.
Soli sed tetro nullum mihi carcere curæ
    Semineci tristes dulce levamen habent !

LYRA IV

Que vezes julga, que morre
Um naufragante no mar;
E então a sorte o soccorre,
Levando-o á salvação!
    Só eu na escura prisão,
    Aonde morrendo vivo,
    Não encontro lenitivo
    Na minha dura afflicção.

Luctando com a pobreza,
Vive o mortal indigente;
Té que a próvida riqueza
O tira da precisão.
    Só eu na escura prizão,
    Aonde morrendo vivo,
    Não encontro lenitivo
    Na minha dura afflicção.

Combatendo o inimigo
Encontra o Soldado a sorte,
Que o livra de todo o p'rigo
Na mais arriscada acção.
    Só eu na escura prizão,
    Aonde morrendo vivo,
    Não encontro lenitivo
    Na minha dura afflicção.

Duræ tinnitu tristis flet compedis exul,
Donec ei laqueos solvit amica manus.
Soli sed tetro nullum mihi carcere curæ
Semineci tristes dulce levamen habent !

Exilio, morbo, pauper, seu carcere capti
Quandocumque vident fata nitere sua ;
Hoc igitur mihi tetro, Amaryllis, carcere solum
Tu quoque semineci dulce levamen eris.

Ao som do pesado ferro
Chora o triste degradado,
Té que o livra do desterro
Uma poderosa mão.
    Só eu na escura prizão,
    Aonde morrendo vivo,
    Não encontro lenitivo
    Na minha dura afflicção.

No carcere, ou no degredo,
Na doença ou na pobreza,
Ou lá mais tarde, ou mais cêdo
Todos tem consolação.
    Tambem eu nesta prizão,
    Aonde morrendo vivo,
    É Marilia o lenitivo
    Na minha dura afflicção.

VII

Magnâ dum numerat, thesauro intentus, avarus
Nummos usurâ lucratos, perdere passim
Sordidus et timet, et circumspicit omnia caute;
Salsum dum sulcat fragili mare nauta phasello
Ingens longinquis pondus regionibus auri
Vecturus, gazæ magno vitæque periclo;
Dum gelidæ strenuus Libitínæ incursibus hostes
Seque vovet dux, intinctum qui sanguine nomen
Præclarum faciat, ripam prope fluminis illam,
Quò lætum soleo armentum depellere pastum,
Pulchræ Amaryllidis effigiem imo pectore servo,
Atque lyra, illi quæ inspirantur, carmina ludo.

LYRA VII

Emquanto o sordido aváro
No seo thesouro empregado,
Sem cessar conta o dinheiro
Com mil usuras ganhado;
Sem jámais descanso ter
Com receio de o perder;

Emquanto no fragil vaso
Corta o nauta o salso mar,
Para de longinquas terras
Os cabedaes transportar;
Arriscando nesta lida
Co'a riqueza a propria vida;

Emquanto audaz General
Com ataques, e sortidas
Manda á fria Libitina
Com a sua tristes vidas:
Só para fazer distincto
Seo nome de sangue tincto;

Eu á margem deste rio,
Onde o gado a pastar deito,
De Marilia a doce imagem
Conservo dentro em meo peito:
E ao som da suave Lyra
Só canto o que Amor me inspira.

APPENDIX

APPENDICE

IGNEZ DE CASTRO

Episodio dos Lusiadas de Camões

CANTO III.

. . . .

Agnes interea, blandè labentibus annis,
Deliciis data, quas reddit fortuna fugaces,
Pulchra quiescebat Mondæ mœrentibus arvis
Rorati lacrymis, cælatum pectore nomen,
Et flores, montesque docens resonare. Vicissim
Formosæ Princeps Agnis reminiscitur absens,
Ante oculos defixâ semper imagine vultus;
Quæque videt, mendacia quæque insomnia fingunt,
Omnia lætitiæ vestigia: spernit et ipse
Regales thalamos, captum si namque lepore
Pectus, Amor, teneas, tibi jam nec cœtera curæ.

EPISODIO DE IGNEZ DE CASTRO

DOS

LUSIADAS

Estavas, linda Ignez, posta em socego,
De teos annos colhendo o doce fruito,
N'aquelle engano da alma, ledo e cego,
Que a fortuna não deixa durar muito;
Nos saudosos campos do Mondego,
De teos formosos olhos nunca enxuito,
Aos montes ensinando, e ás hervinhas
O nome, que no peito escripto tinhas.

Do teo principe alli te respondiam
As lembranças, que na alma lhe moravam,
Que sempre ante seos olhos te traziam,
Quando dos teos formosos se apartavam;
De noute em doces sonhos, que mentiam,
De dia em pensamentos que voavam:
E quanto em fim cuidava, e quanto via,
Eram tudo memorias de alegria.

De outras bellas senhoras, e Princezas
Os desejados thalamos engeita;
Que tudo em fim, tu, puro Amor, desprezas
Quando um gesto suave te sujeita.

Ast genitor spernentem vincla jugalia natum
Dum cernitque senex, voces populique veretur,
Pectoris ardentem censens restinguere flammam
Sanguine, et ut vinclis natum disjungat amoris,
Agnem constituit sævæ demittere morti.
Quis furor infensam Mauris in colla reclusit
Virginis ensem? Hanc carnifices jamjamque trahebant
Placatum ad regem; regi sed dira suadet
Turba necem. Illa dolens (quod morte dolentius ipsâ)
E natis ac Principe tempus in omne revelli,
Ad cœlum tollens lacrymantia lumina purum,
Lumina, nam palmis intendit vincula tortor,
Respiciens pueros, heu! mox qui matre carebunt,
Supplex fatur avo: « Ingenio si dira suopte
« Sunt quondam pueris animalia parcere visa,
« Infantesque piè volucres mulcere rapaces,

Vendo estas namoradas estranhezas
O velho pae sisudo, que respeita
O murmurar do povo, e a phantasia
Do filho, que casar-se não queria:

Tirar Ignez ao mundo determina,
Por lhe tirar o filho, que tem preso;
Crendo co'o sangue só da morte indina
Matar do firme amor o fogo acceso.
Que furor consentio, que a espada fina,
Que pôde sustentar o grande peso
Do furor Mauro, fosse alevantada
Contra uma fraca dama delicada?

Traziam-na os horrificos algozes
Ante o Rei, já movido á piedade;
Mas o povo com falsas, e ferozes
Razões á morte crua o persuade:
Ella com tristes, e piedosas vozes,
Sahidas só da magoa, e saudade
Do seo Principe, e filhos que deixava,
Que, mais que a propria morte, a magoava;

Para o céo crystallino alevantando
Com lagrimas os olhos piedosos;
Os olhos, porque as mãos lhe estava atando
Um dos duros ministros rigorosos:
E depois nos meninos attentando,
Que tão queridos tinha, e tão mimosos,
Cuja orphandade como mãe temia,
Para o avô cruel assi dizia:

Si já nas brutas feras, cuja mente
Natura fez cruel de nascimento,
E nas aves agrestes, que somente
Nas rapinas aerias tem o intento,

« (Fama velut matremque Nini, fratresque gemellos
« Indicat ;) humano qui vultu animoque videris,
« Unquam si licuit, nam solúm indulsit amori,
« Infirmam obtruncare puellam, hos respice saltem,
« Rex, pueros ; horum atque meî pietate movetor,
« Te quoniam, quæ nulla fuit, nec culpa remulcet.
« Virtutem si Mauram igni ferroque domasti,
« Clemens, quæ non deliquit, nunc eripe letho :
« Sin aliter mereo, Scythiæ Libyæve calentis
« Extorrem in fines miseram me mitte perennè :
« Barbaricas gentes, tigrides interque leones
« Me pone ; hîc hominum si, quæ mihi nulla reperta,
« Inveniam duro pietatem corde ferarum ;
« Atque libens illic, cernis quæ, pignora tollam
« Petri relliquias, tristisque levamina matris. »

Com pequenas creanças vio a gente
Terem tão piedoso sentimento,
Como co'a mãe de Ninô já mostraram,
E co'os irmãos, que Roma edificaram;

Oh tu, que tens de humano o gesto, e o peito,
(Si de humano é matar uma donzella
Fraca e sem força, só por ter sujeito
O coração a quem soube vence-la)
A estas creancinhas tem respeito,
Pois o não tens á morte escura d'ella:
Mova-te a piedade sua, e minha,
Pois te não move a culpa que não tinha.

E si, vencendo a Maura resistencia,
A morte sabes dar com fogo e ferro,
Sabe tambem dar vida com clemencia
A quem para perde-la não fez erro.
Mas, si t'o assi merece esta innocencia,
Põe-me em perpetuo e misero desterro
Na Scythia fria, ou lá na Libya ardente,
Onde em lagrimas viva eternamente;

Põe-me onde se use toda a feridade,
Entre leões e tigres; e verei
Si n'elles achar posso a piedade,
Que entre peitos humanos não achei:
Alli co'o amor intrinseco, e vontade
N'aquelle por quem morro, criarei
Estas reliquias suas, que aqui viste,
Que refrigerio sejam da mãe triste.

Parcere flexanimo victus sermone volebat
Rex; fatum verò populusque tenaciter obstant:
Virginis in pectus, facinus qui tale celebrant,
Distringunt enses: animis tantæne virorum
Sunt iræ? Haud secus ac formosa Polixena manes
Placata Achilleos, matris solamen, et ense
Occumbit duro Pyrrhi; quæ, mitis ut agna,
Insanæ fixis matri, quibus aera sedat,
Luminibus, mactanda solemnes fertur ad aras;
Sic transfigentes alabastrina colla puellæ
Carnifices, procus ingenti quam captus amore
Reginam fieri, quamvis post funera, jussit,
Immites, Agnis puro madidisque cruore
Ensibus, et fletu quos floribus illa rigabat
Sœvibant * rabidi, pœnæ immemoresque futuræ!...
Tunc retro radios avertere, Phœbe, liceret
Horum e conspectu; veluti mandenda Thyesti
Dirus cùm geniti apposuit præcordia frater.
Virginis, heu! capientes ultima, nomine Petri
Auditæ valles iterumque iterumque sonare!...

---

* *Syncope* em vez de *sævibant*.

Queria perdoar-lhe o Rei benino,
Movido das palavras, que o magoam;
Mas o pertinaz povo, e seo destino
(Que d'esta sorte o quiz) lhe não perdoam.
Arrancam das espadas de aço fino
Os que por bom tal feito alli pregoam:
Contra uma dama, oh peitos carniceiros,
Feros vos amostraes, e cavalleiros?

Qual contra a linda moça Polyxena,
Consolação extrema da mãe velha,
Porque a sombra de Achilles a condemna,
Co'o ferro o duro Pyrrho se apparelha;
Mas ella os olhos, com que o ar serena
(Bem como paciente, e mansa ovelha)
Na misera mãe postos, que endoudece,
Ao duro sacrificio se offerece;

Taes contra Ignez os brutos matadores
No collo de alabastro, que sostinha
As obras, com que amor matou de amores
Aquelle, que depois a fez Rainha,
As espadas banhando, e as brancas flores,
Que ella dos olhos seos regadas tinha,
Se encarniçavam, férvidos e irosos
No futuro castigo não cuidosos.

Bem puderas, oh Sol, da vista d'estes
Teos raios apartar aquelle dia,
Como da seva mesa de Thyestes,
Quando os filhos por mão de Atreo comia!
Vós, oh concavos valles, que pudestes
A voz extrema ouvir da bocca fria,
O nome do seo Pedro, que lhe ouvistes,
Por muito grande espaço repetistes!

Candida ceu marcet bellis, quæ perdit odorem,
Virgineam intempestive si carpta coronam
Lascivæ manibus compsit tractata puellæ;
Pallida sic jacet Agnes, nilque in imagine vivum,
Vanescit color, atque rosæ de fronte recedunt.
Tristia fleverunt Mondæ Agnis funera nymphæ,
Fusus et in fontem fletus mutatur amœnum;
Hic quondam — *Agnis amorum* — sic hucusque vocatur,
Qui teneros gelidus florés non irrigat undis,
Sed lacrymas fundit, nomenque asservat amorum.

. . . .

Assi como a bonina, que cortada
Antes do tempo foi, candida e bella,
Sendo das mãos lascivas maltractada
Da menina, que a trouxe na capella,
O cheiro traz perdido, e a cor murchada:
Tal está morta a pallida donzella,
Seccas do rosto as rosas, e perdida
A branca e viva cor, co'a doce vida.

As filhas do Mondego a morte escura
Longo tempo chorando memoraram;
E por memoria eterna em fonte pura
As lagrimas choradas transformaram:
O nome lhe puzeram, que inda dura,
Dos *amores de Ignez* que alli passaram.
Vede que fresca fonte rega as flores,
Que lagrimas são a agua, e o nome amores!

ELEGIA *

AD MORTEM

AUGUSTINI JOSEPHI GASPARI

Mei latinitatis præceptoris.

Oh quantus dolor, et qualis nunc pectora pungit!
 Undique luctus adest ; omnia mœror habet !
Et neque, ut antea, resplendet sol pulcher Olympo,
 Nec placide flores aura suavis agit!
Nec volucres gratis silvas concentibus implent,
 Quæque vident oculi, credo sinistra mala!
Solùm per vultus fletus nunc manat amarus;
 Omnia damnorum pectora cura premit!
Ad cœlum cuncti mœste suspiria mittunt!
 Quocumque aspicio, clamor ubique patet!
Quid facies tegitur terrarum tegmine luctûs?!
 Cur hodie querulus planctus ubique sonat ?!
Sed justi subigunt profectò corda dolores,
 Immeritòque orbis non tenebrosus adest:

---

* Foi esta uma das minhas primeiras composições em verso latino; conservo-a tal, como a inexperiencia dos meos dezoito annos a produzio.

Tu, mors, æternum rapuisti, barbara, nobis
Qui tantum meruit clarus in orbe decus!...
Tu carum nobis rapuisti tempus in omne!!
Quid nunc afflictis dulce levamen erit?!
Heu! heu! vos, lacrymas, oculi, suffundite, tristes,
Irrorate, oculi, mœsta sepulchra, mei!!...
Heu! heu! vos hodie cuncti non parcite fletu,
Proque viro tanto vota dicate pia!...
Hoc miræ virtutis habent quod pectora munus,
Atque viris merces grandibus esse solet!!
Et tu, qui cœlo frueris nunc, accipe, care,
Quæ sævus prompsit tristia verba dolor.

AVE, AURORA! *

Salve, aurora! eia, refulge!
Eia, anima valles, montes!
Hymnos canta, ó Philomela,
Hymnos jucundos, insontes!

Quam pura, quam pudibunda
És tu, aurora formosa!
Diffunde odores suaves,
Divina, purpurea rosa!

Eia, surge, vivifica
Pendentes ramos, aurora!
Aureos fulgores emitte,
Pallidas messes colora!

Matutina aura, mitiga
Solares, nimios ardores;
Inspira gratos Favonios,
Euros, Zephyros protectores.

---

* Leem-se ao mesmo tempo em portuguez e em latim estes versos, compostos expressamente para mostrar a intima consanguinidade da lingua portugueza com a latina.

Eóa, Tithonia Diva,
Fecundos campos decora,
Canoras aves excita,
O serena, bella aurora!

Protege placidos somnos,
Inquietas mentes tempera,
Duras procellas dissipa,
Terras, flôres refrigera.

Extingue umbrosos vapores,
O sol, o divina flamma!
Lucidas portas expande,
Tristes animos inflamma!

Salve, aurora! eia, refulge!
Eia, anima valles, montes!
Hymnos canta, o Philomela,
Hymnos jucundos, insontes!

DESCRIPÇÃO
DE UMA
ESTRADA DE FERRO
COM VERSOS DE
VIRGILIO, OVIDIO, LUCRECIO, HORACIO, e outros Poetas Latinos

CENTO *

. . . .

Atque hîc ingentem comitum affluxisse novorum (Virg.)
Invenio admirans numerum, matresque, virosque, (»)
Undique collectam pubem, et miserabile vulgus. (»)
Haud mora; prosiluere suis jam sedibus omnes; (»)
Intenti expectant signum; exit carcere currus. (»)
Fit sonus; (Vir.) et toti senserunt sibila montes: (Ov.)
Consonat omne nemus strepitù collesque resultant: (Virgil.)
Inde fragore gravi strepitus loca proxima terret. (Ov.)
Advolat ille Noto citius, volucrique sagitta, (Virg.)
Tenuia vix summo vestigia pulvere signat: (»)
Quæ manet in statione, ea præter creditur ire. (Lucr.)
Evomit ad cœlum picea caligine nubem (Virgilio)
Faucibus ingentem; vacuas it fumus ad auras; (»)
Æstuat in clausis rapidus fornacibus ignis; (»)
Implentur *cuncta* et nebulâ caliginis atræ. (Sil. Ital.)
Inde ruunt alii, (Ov.) magnâ stipante catervâ, (Virg.)
Unâ eâdemque viâ, *certo* neque ab ordine cedunt: (»)
Rupis in anfractu rupem subiere cavatam. (Ovidio.)
Est specus in medio, (Ov.) vastoque immanis hiatu, (V.)
Efficiens humilem lapidum compagibus arcum: (Ov.)
Tum sonus auditur gravior, fragor intonat ingens, (Virgil.)
Et silvæ reboant, furit et mugitibus æther (»)

---

* Teem o nome de *Centão* (colcha de retalhos)as composições deste genero, formadas com versos de um ou de mais auctores Pareceo-me uma curiosidade litteraria descrever um invento modernissimo, tal como o das *Estradas de ferro*, com versos de poetas latinos, que existiram e escreveram, ha mais de dous mil annos. O leitor, que quizer verificar a identidade dos versos citados, poderá recorrer ás afamadas edições *ad usum Delphini* que trazem o indice de todas as palavras.

TRADUCÇÃO

. . . .

Vejo tambem admirado immensa concurrencia de novos companheiros, mães, maridos, moços e moças, e povo baixo. — Todos se aprestam; sentam-se em seos logares, e attentos esperam o signal. Sahe da estação o carro: ouve-se um som, e sibilos, que repercutem pelos montes, collinas e valles, enchendo de terror os logares proximos. — O carro vôa mais veloz que o Noto, e que a ligeira setta, mal deixando na superficie do pó leves vestigios. — Cada objecto, que está fixo e parado, parece que corre e que vae além. — O carro vomita das fauces grossa nuvem escura e caliginosa como pêz; o fumo eleva-se ás vasias regiões do espaço; o fogo arde violento nas fechadas fornalhas, e todas as circumvisinhanças enchem-se de um espesso e negro nevoeiro. — Após correm tambem outros carros; segue-os uma grande fileira, indo por um e o mesmo caminho, sem sahirem da ordem, em que estão dispostos, e penetram na quebrada de uma montanha em uma rocha cavada.

No meio dessa rocha ha como que uma caverna de enorme bocca, fazendo um arco de pouca altura formado de pedras soldadas umas com as outras. — Ouve-se então um estridor maior; rebôam as matas, e o ar parece

Concussus, qualemve sonum, quum Jupiter atras (»)
Increpuit nubes, extrema tonitrua reddunt. (»)
Non tam grande sonat motis incudibus Ætna ! (Sta.)
Advolat ille, *iterumque* volat vapor ater ad auras : (V.)
Portarum vigiles (Vir.) nutu signisque loquuntur : (O.)
Antra subit, tofis laqueataque pumice vivo. (»)
Progreditur ; tenebris nigrescunt omnia circùm ; (V.)
Delituit cœlum, et subitò lux candida cessit ; (Sta.)
Itur et obscuras solâ sub nocte per umbras ; Virgilio.)
Quamquam et dependent lychni laquearibus altis, (»)
Ut primùm umbrosæ penitus patuere cavernæ, (»)
Extemplo tremefacta novus per pectora cunctis (»)
Insinuat pavor, et tum facta silentia linguis. (»)
Jam sole infuso, jam rebus luce retectis, (»)
Tum per aperta volans (Ov.) *est* fulminis ocior alis, (»)
Et studet optatam cursu contingere metam. (Hor.)
. . . .

repercutir furiosos mugidos, ou refranger um som semelhante ao de trovões. O Etna não roncaria tão medonhamente com o malhar de suas enormes incúdes! Entretanto o carro vôa, e vôa tambem pelos ares negro vapor. Os vigias das portas falam por acenos, e com bandeiras. Ei-lo que penetra esses antros, cuja abobada é forrada de pedras, e de rocha viva: continúa a caminhar; tudo é trévas em torno; não se vé mais o céo; subitamente desapparece a clara luz do dia, e caminha-se só por entre escuras sombras debaixo de cerrada noute. Posto que dos tectos pendem lampeões, apenas se penetra nessas umbrosas cavernas, estranho pavor assalta immediatamente a todos, e reina o silencio. Mas eis que o sol já se vai introduzindo, e já os objectos se vão distinguindo á luz do dia; então o carro voando por caminhos descobertos é mais veloz que as azas do raio, e busca correndo attingir a desejada meta.

DESIDERIUM

Oh! dolor absentis, mœstis et amara voluptas,
Dulciter, ut dumus, penitus præcordia pungis!
Oh! dolor absentis! tu qui dulcedine plenus
Sanguinis haud guttas vivi ceu mystica Diva,
Sed lacrymas tantùm refoves stillantia corda,
Dulce sonans verbum, verbo nec mitius ullo,
Lysiadum labris, quod non novere Sicambri,
Absentis comitis, numen, quod tristis amantis,
Exulis et miseri mentem per somnia ducis
In patriæ gremium nobis servanda perenne;
Te, quoniam mœsto cecini jam carmine, Numen,
Atque tuis posui, ore Tagi, cor pectore in aris

SAUDADE

(INVOCAÇÃO DO POEMA « CAMÕES » DE ALMEIDA GARRETT)

Saudade! gôsto amargo de infelizes,
Delicioso pungir de acerbo espinho,
Que me estás repassando o intimo peito
Com dor que os seios d'alma dilacera,
— Mas dor que tem prazeres — Saudade!
Mysterioso numen que aviventas
Corações que estalaram, e gottejam
Não já sangue de vida, mas delgado
Soro de estanques lagrimas — Saudade!
Mavioso nome que tão meigo sôas
Nos lusitanos labios, não sabido
Das orgulhosas boccas dos Sycambros
D'estas alheias terras — Oh Saudade!
Magico numen que transportas a alma
Do amigo ausente ao solitario amigo,
Do vago amante á amada inconsolavel,
E até ao triste, ao infeliz proscripto
— Dos entes o miserrimo na terra —
Ao regaço da patria em sonhos levas,
— Sonhos que são mais doces do que amargo,
Cruel é o despertar! — Celeste numen,
Si já teos dons cantei e os teos rigores
Em sentidas endeixas, si piedoso
Em teos altares humidos de pranto
Depuz o coração que inda arquejava,
Quando o arranquei do peito malsoffrido

Evulsum, mentem quæ densas pervolat ulmos,
Quas rigat ante potens, nunc pauper Sequana cursu,
Diva, Tagum ad patrium saltem perducito plaustro
Turturibus tracto fuscis, querulisque columbis.

Á foz do Tejo — ao Tejo, o deosa, ao Tejo
Me leva o pensamento que esvoaça
Timido e acovardado entre os olmedos,
Que as pobres aguas d'este Sena regam,
Do outr'ora ovante Sena. Vem, no carro
Que pardas rôlas gemedoras tiram,
A alma buscar-me que por ti suspira.

MACARRONEA

Passeio de Horacio, Virgilio, e Ovidio pela cidade do Rio de Janeiro

Urbem Janeiri nostram visitare quiserunt
Tres Romanorum velhi, celebresque poetæ,
Guardati quamquam longo post tempore covis,
Postquam Saturni filius deixarat Olympum.
Nomen Horatius primo; Virgiliusque sequebat;
Tertius Ovidius, trempem qui fechat amicam.
Ut homines, non; sed sombrarum more vagantur:
Omnia percurrunt; nulli bispantur in orbe;
Nec bulham faciunt, soltant nullamque palavram;
Calati veró muta linguagine fallant.
Non hominum tomant formam, nullamve figuram;
Alterius mundi sunt almæ quisque penatæ;
Nec metum velhis causant meninisque pavorem.
Ecce ad nostræ civitatis littora chegant:
Primo Guanabaræ barram, ejusque gigantem
Pasmati mirant, fortalezasque potentes!
Iste dies galæ fuit: en salvare começant
In portu naves; naves trovejare videntur;
Polvora namque poetis nondum cognita ab illis.
Sed postquam formosam admiravére bahiam,
Assucarisque Panem, Rasam insulamque Cobrarum,
Conversas hominum varias audire procurant.
Vatibus espantus grandis, quum fórma loquendi

Visa suis est multum parecida palavris;
Jamque antiquo julgabant se tempore Romæ.
Postea volventes oculos in mare ficarunt
Cum caris asini, quando videre vapores
Vagas cortando, remisque, velisque carentes!...
Non parat pasmus, sed plus augmentat in horas:
Omnia, quæ notant, chamant miracula: carros,
Innumeros rapide bondes pracisque, ruisque,
Estratas ferri, quas non sonhavere patetæ;
Electricumque fium, telephoniosque falantes;
Atque, estrellarum forma, per cœla balones;
Turbam engraxatorum, balarumque moleques;
Letreiros etiam omnibus in parietibus urbis,
Kioscos, musicas, loteriæque bilhetes;
Realegi ad sonum dançantes urbe macacos!...
Attoniti imprensam mirant, papelumque, librorum
Et formas rica encadernatione velludi.
O' quantum typorum descoberta valéret,
Si nostra (pensant vates) ætate fuisset!
Jornales, ac Gazetas, leguntque Revistas
Caricatas, descomposturasque solemnes!...
Candidatorum brigas, safatasque cabalas
Admirant; bengalis armatosque capangas;
Quod velhæ lembrat illis Saturnalia Romæ,
Oh! libertatis terram! qua quisque governat,
Qua pennæ regnum possunt virare per ares!...
(Hæc vates illorum cum botonibus aiunt)

Tempus erat jam theatros, circosque videndi;
Nec vero placet circus, nec theatrus agradat;
Narizum torcent, et achant utrumque pequenum.
Tristibus Ovidius sic vozibus ait amicis:
« Mortua tragedia est; regnat opereta theatro;
« Bandalham Cæsar peçam si forte videret,
« Euxinum in Pontum auctorem viajare fariat. »
Mores tum populi spreitant, ususque paizi;
Quos capiscare negant tota ratione poetæ.
Primo confessant nil significare charutum,
Et multo minus per ventas sorvere tabacum;
Seu amostrinha sit, aut fortis canjica chametur.
Nudos julgarunt, quia non videre togatos,
Cives, qui calças solum casacasque trajabant;
Mulherumque modas censuravere tolarum.
In pasti casas, freges, hotelesque subirunt,
Sed nullam in illis bonam achavere mamatam.
« Non vinum (inquit Horatius); est zurrapa, venenum;
« Putres fructarum casquœ, exprimidusque bagaçus! »
Inde virant bordo, ac monumenta videre resolvunt,
Cadeiam, Hospicios, Musœum, Camaramque, Senatum,
Alfandegam, Docas, Arsenalesque, Trapiches.
Ecce ad Gazometrum chegant, et Horatius ante:
« Quid video?! clamat. Gens! « *Ex fumo dare lucem* »
Hunc ego versiculum feci; jam jamque protesto!... »
Inde civitatis in suburbia marchant;
Tijucam subunt, Corcovatumque superbum,

Paineiras etiam, Gaveam, Praiamque Flecharum!
De tanto cansati caminhare per urbem,
Intrant in templum, sermonem audire querendo:
Petrus erat tum, qui festa pregabat in illa:
Magna negrorum, velharumque immensa caterva
Enchent recintum: Petri vox sola ribombat.
Jam somnus venit; bocejant omnesque fideles,
Nec possunt magis tam magnum aturare cacetem,
Bernardices mille, blasphemiæque pulullant;
Atque asneirarum lançat ex ore chorrilhum.
Tales et tantas dicit sermone tolices,
Ut subito populus batatas joguet in illum...
Fit rólus; magna et regnat confusio templo:
Permanentes adsunt, urbanique, sachristæ,
Rasgatis opis, tochis certamina travant!...
Acordant velhæ, gritant; apitique sibilant!...
Interea Petrus, fugiens, in cane tropeçat,
Et ventis dat unius in colla creoulæ!...
« Bastat (tum vates dicunt), jam bastat, amici;
« Urbem deixemus, *qua quisque levare sumiçum*
« *Uno instante potest, fundoque fugire covarum!...* (*)
« Urbem deixemus, nostram vamusque moradam.
« O' Guanabara, vale!... Cobrem, multumque juizum!

Rio, 1.° de Janeiro de 1885.

(*) Castro Malta — Anno de 1884.

OBRAS DO DR. CASTRO LOPES

Novo systema para estudar a lingua latina, um grosso volume de mais de 300 paginas: premiado pelo Governo Imperial e adoptado como livro de consulta no Imperial Collegio de Pedro II, 3.ª (edição.)

Epitome Historiæ Sacræ, obra igualmente approvada pelo Conselho de Instrucção Publica da Côrte.

Musa Latina, traducção para verso latino das melhores lyras de Marilia de Dirceo.

Os deveres dos homens, versão de Sylvio Pellico, destinada ás escolas de instrucção primaria.

Cathecismo de Agricultura, para uso das escolas de instrucção primaria do Brazil.

Medico do Povo, edição completamente reformada e melhorada.

Resurreições, poesias.

Theatro do Dr. Castro Lopes, contendo as seguintes peças ;
Abamoacara, tragedia em verso, 4 actos.
A educação, drama em 3 actos.
O compadre Suzano, comedia em 5 actos.
Meu marido está ministro, comedia em 3 actos.
As tres graças, comedia em 3 actos..
A emancipação das mulheres, comedia em 3 actos.
Um thesouro, comedia em 1 acto.

Memoria sobre a possibilidade e conveniencia da suppressão dos annos bissextos, escripta em portuguez, latim e francez.

Siderascopio (apparelho astronomico inventado pelo Dr. Castro Lopes para melhorar as condições visuaes do telescopio.)

Conferencias sobre Homœopathia, um volume, formato—16.

Um sonho astronomico.

A mesma obra (Un rêve astronomique) escripta em francez, e publicada em Paris na *Revista do Mundo Latino*.

A attracção não governa nem dirige os astros.

Plano para pagamento da divida do Brazil fundada em apolices só com o juro das mesmas.

Refutação do Livro « India Christã » de Fr. Gual.

Beriberi; descripção desta doença e seu tractamento.

Conferencia a respeito do sol, luz, etc., proferida no Instituto Polytechnico.

Origens de anexins.

Conferencia sobre o enfumaçamento atmospherico no Brazil em Agosto, Setembro e Outubro *(queimadas.)*

G. LEUZINGER & FILHOS · OUVIDOR 31